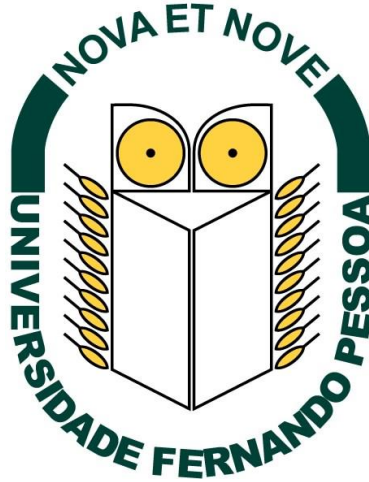


Daniela Filipa da Silva Monteiro



Absentismo Escolar: a escola, a família e o futuro

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2014

Daniela Filipa da Silva Monteiro

Absentismo Escolar: a escola, a família e o futuro

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2014

Daniela Filipa da Silva Monteiro

Absentismo Escolar: a escola, a família e o futuro

A aluna

(Daniela Monteiro)

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para obtenção
do grau de licenciada em Serviço Social.

Agradecimentos:

Agradeço à minha orientadora Professora Doutora Paula Mota Santos pela total disponibilidade e apoio.

À Associação Social Recreativa Cultural Bem Fazer - Vai Avante por me ter acolhido na instituição para realizar o estágio curricular e pelo apoio prestado, em especial à minha supervisora de estágio Dra. Patrícia Santos.

Agradeço também à Escola Secundária de São Pedro da Cova pela total receptividade, particularmente à Dra. Ana Ramos.

Igualmente aos alunos e Directores de Turma que fizeram parte deste estudo, o meu muito obrigado.

Aos meus pais que sempre me apoiaram e me proporcionaram a permanência nesta Licenciatura.

O Futuro dependerá daquilo que fazemos no presente

Gandhi

Resumo

O presente estudo intitulado “Absentismo Escolar: a escola, a família e o futuro” aborda a problemática do Absentismo escolar tendo em consideração as instituições escolar e familiar bem como as perspectivas de futuro dos próprios jovens.

Através de metodologias qualitativas com a técnica de entrevista em profundidade, semiestruturada e respectiva análise de conteúdo e observação participante, bem como do uso de metodologia quantitativa através do inquérito por questionário pretendemos obter dados relevantes para o estudo aqui apresentado. Consequentemente, o estudo retrata as apreciações quer por parte dos Diretores de Turma, que por parte dos alunos e seus familiares acerca desta problemática que envolve a família e a escola.

Deste estudo fizeram parte 7 alunos com absentismo escolar, 4 Diretores de Turma e 6 Encarregados de Educação.

Com a análise de resultados, podemos concluir que as apreciações diferem consoante o grupo de entrevistados denunciando uma fraca relação entre a escola e a família. Com efeito, o sucesso escolar dos alunos não se evidencia neste estudo tendo como consequência igualmente a falta de objectivos futuros.

No entanto, foi possível obter resultados positivos no que diz respeito à possibilidade de mudança, através de uma intervenção de maior proximidade uma vez que estes jovens passaram a ter mais motivação e menos faltas de assiduidade, favorecendo assim a possibilidade do sentimento de sucesso com estes jovens.

Abstract

The present study entitled "School Absenteeism: school, family and the future" addresses the problem of school absenteeism within the relational context of the school and family as well as considering the future prospects of young people.

The data was collected through a qualitative methodology with participant observation, the technique of semi-structured in-depth interviews and respective content analysis as well as quantitative methodology through survey by questionnaire . Consequently, the study portrays the testimonials by Class Directors, by the students and their families about this problem that involves both the family and the school.

In this study participated 7 students with truancy, 4 Class Directors and 6 ClassLegal Custodians.

The study shows the findings differing depending on the group of respondents displaying also a weak relationship between school and family. Indeed, the lack of academic success of students results in the lack of future objectives.

However, it was possible to obtain positive results with regard to the possibility of change through an intervention of closer proximity to the youths, as the young people part of the study ended up by showing greater motivation diminishing their truancy level thus promoting the feeling of success with these youngsters.

Índice Geral

| | |
|---|----|
| Índice de Anexos | 10 |
| Índice de Siglas..... | 11 |
| Índice de Quadros | 12 |
| | |
| Introdução..... | 13 |
| | |
| Parte I – Enquadramento Teórico..... | 15 |
| Capítulo I – A Escola e a Família | 16 |
| 1.1. Família..... | 16 |
| 1.2. Escola | 19 |
| 1.3. Influência da Família no percurso escolar dos filhos | 23 |
| 1.4. Importância da Relação Institucional entre a Escola e a Família..... | 26 |
| Capítulo II – Insucesso Escolar, Absentismo e o futuro dos jovens | 29 |
| 2.1. Insucesso Escolar | 29 |
| 2.2. Absentismo Escolar..... | 30 |
| 2.3. O futuro dos jovens | 34 |
| | |
| Parte II – Estudo Empírico | 37 |
| Capítulo II – Metodologia..... | 38 |
| 3.1. Objectivos do estudo | 38 |
| 3.2. Instrumentos e Procedimentos | 38 |
| 3.3. Limitações do projecto | 42 |
| Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados..... | 44 |
| 4.1. Caracterização Institucional: a escola num contexto TEIP | 44 |
| 4.2. Caracterização dos Participantes..... | 46 |
| 4.3. A Família..... | 54 |
| 4.4. Escola e estratégias de intervenção | 62 |
| 4.5. Assiduidade | 64 |
| | |
| Considerações Finais | 67 |
| | |
| Referências Bibliográficas..... | 70 |
| Anexos..... | 73 |

Índice de Anexos

| | |
|--|----|
| Anexo I – Inquérito por questionário dirigido aos EE..... | 74 |
| Anexo II – Declaração de Consentimento Informado | 77 |
| Anexo III – Guião de Entrevista aos DT | 78 |
| Anexo IV – Guião de Entrevista aos alunos..... | 80 |
| Anexo V – Ficha Individual de aluno..... | 82 |
| Anexo VI – Análise de Conteúdo das entrevistas aos DT..... | 83 |
| Anexo VII – Análise de Conteúdo das entrevistas aos alunos | 85 |

Índice de Siglas

CEF – Cursos de Educação de Formação

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

DT – Diretor de Turma

EE – Encarregado de Educação

EFA – Educação e Formação para Adultos

ESSPC – Escola Secundária de São Pedro da Cova

GAAF – Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

LPCJP – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

PEE – Projeto Educativo Escolar

PES – Projeto Educação para a Saúde

PIEF – Plano Intergrado de Educação e Formação

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

Índice de Quadros

| | |
|--|----|
| Quadro I – Caracterização dos Encarregados de Educação | 48 |
| Quadro II – Caracterização dos alunos..... | 48 |
| Quadro III – Caracterização dos DT..... | 49 |
| Quadro IV – Apreciação das turmas por parte dos DT | 51 |
| Quadro V – Apreciação dos alunos por parte dos DT..... | 52 |
| Quadro VI – Apreciação das famílias por parte dos DT | 55 |
| Quadro VII – Relação dos EE com a Escola (dados dos inquéritos) | 56 |
| Quadro VIII – Apreciação da Família por parte dos alunos..... | 57 |
| Quadro IX – Apreciação sobre o futuro por parte dos alunos..... | 60 |
| Quadro X – Apreciação da Escola por parte dos alunos | 62 |
| Quadro XI – Apreciação dos professores e disciplinas por parte dos alunos..... | 63 |
| Quadro XII – Estratégias utilizadas pelos professores e pela Escola para o combate ao Absentismo | 64 |
| Quadro XIII – Apreciação acerca da Assiduidade por parte dos alunos..... | 65 |
| Quadro XIV – Apreciação da Assiduidade por parte dos DT | 66 |
| Quadro XV – Temas abordados nas reuniões pelos DT..... | 66 |

Introdução

O presente estudo aborda a problemática do Absentismo Escolar sob as perspectivas futuras dos jovens. Durante o Estágio Curricular efectuado na Associação Social Recreativa Cultural e Bem Fazer *Vai Avante*¹ articulou-se a actividade com diferentes entidades, nomeadamente, a Escola Secundária de São Pedro da Cova situada em Gondomar. Este contacto continuado proporcionou a origem do Projeto de Graduação que aqui apresentamos.

O tema escolhido (o absentismo escolar) reporta para uma das problemáticas que a referida escola enfrenta, estando esta última integrada no Projeto *Territórios Educativos de Intervenção Prioritária* (TEIP) que já conta com a sua terceira edição. Este projecto proporciona à escola uma maior autonomia pedagógica. Nesse contexto foi criado um Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF) no sentido de prestar apoio não só aos alunos mas também às respectivas famílias, corpo docente e não docente e a toda a comunidade escolar, funcionando como mediador e em articulação com outros serviços e entidades. Tendo como objectivo específico a prevenção de situações de abandono/absentismo escolar, uma vez abordado sobre a possibilidade da realização deste estudo, o Gabinete disponibilizou toda a informação necessária tendo mesmo sido feita uma pré-selecção, por parte das técnicas do GAAF, dos jovens a trabalhar neste Projeto.

A pertinência do tema foca-se nas necessidades encontradas para trabalhar com os jovens sinalizados pelos respectivos Diretores de Turma ao GAAF. Apesar das estratégias utilizadas pela Escola para a prevenção do absentismo, consideramos que ainda há muito a saber e a fazer. Podemos saber os motivos que levam os jovens ao absentismo mas como são essas razões referenciadas na perspectiva de futuro destes jovens? É desta interrogação que nasce a oportunidade do tema desenvolvido neste estudo. Sabemos que os jovens vivem muito o presente e não exploram as possibilidades do futuro, mas fazer estes jovens ao menos pensar e sonhar no seu futuro poderá provocar impacto no desenrolar do seu percurso escolar, sendo este também

¹ O estágio teve início a 25/11/2013 e terminou a 29/05/2014 perfazendo um total de 466 horas no âmbito da acção social da ASRCBF *Vai Avante*, sob a orientação da Professora Doutora Paula Mota Santos e supervisão da Dra. Patrícia Santos.

objectivo da intervenção da estagiária. A curiosidade de conhecer aquilo que estes jovens perspectivam do seu próprio futuro e daí tirar as conclusões úteis para uma intervenção junto deles, proporcionou a escolha da temática deste trabalho.

Para a elaboração deste estudo utilizamos 1) a técnica da entrevista em profundidade, semi-estruturada aos Diretores de Turma e aos alunos; 2) o inquérito por questionário aos Encarregados de Educação (EE) dos alunos. Para a amostra foram pré-selecionados pelas técnicas do GAAF oito alunos, dos quais apenas sete acabaram por fazer parte do estudo, por motivos de falta de comparência do oitavo aluno na Escola. No inquérito por questionário dirigido aos seis EE todos participaram na recolha de dados; contudo só iremos utilizar os dados que se relacionam com os sete alunos entrevistados. Aos Diretores de Turma (DT) das respectivas turmas dos alunos foram também realizadas entrevistas. Estas quatro entrevistas também foram utilizadas para a análise de dados. Foi ainda elaborada uma ficha individual de aluno, preenchida junto dos DT, onde constam alguns dados relativos ao percurso escolar do aluno e respectiva caracterização do agregado familiar.

Relativamente à estrutura do Projeto de Graduação, este conta com duas partes, respectivamente: o enquadramento teórico e o estudo empírico. Na primeira parte são abordadas as perspectivas dos autores relativamente aos temas da família, escola, absentismo e o futuro dos jovens. O capítulo I do enquadramento teórico diz respeito ao conceito da família e da escola enquanto duas instituições interventivas na problemática do absentismo pelo que também é abordada no mesmo capítulo a influência da família no percurso escolar dos seus filhos e a importância da relação entre a escola e a família. Segue-se o capítulo II com diversas noções acerca do absentismo e do insucesso escolar bem como do futuro dos jovens enquadrando a perspectiva dos pais e dos alunos. Na segunda parte deste projecto damos conta da metodologia utilizada para a realização do estudo mencionando os objectivos, as limitações, os instrumentos e procedimentos utilizados bem como a caracterização institucional e dos participantes neste estudo (EE, alunos e DT). Posteriormente apresentamos e discutimos os resultados da análise de conteúdo divididos por temas encontrados aquando a elaboração da análise de conteúdo conceptual. Para finalizar defendemos algumas conclusões retiradas do estudo que aqui redigimos.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo I – A Escola e a Família

1.1.Família

A diversidade de conceito de família explica a constante evolução do conceito, principalmente, após a Revolução Industrial. A família desenvolve um papel importante no processo de socialização dos envolvidos, tendo alguns autores referido de que a família será o lugar da primeira socialização da criança. No século XIX, o Estado passou a considerar a família como um problema social desenvolvendo aqui relação com a criação do direito da criança: a família deixou de ser uma instituição privada para se tornar em pública, em que tem que dar satisfações sobre as suas acções (Segalen, 1999). Para a mesma autora a criança é o pretexto para a intrusão do Estado na vida familiar. As famílias que são alvo de intervenções públicas estão caracterizadas por serem uma família sem hábitos sociais e de trabalho, que têm problemas com a vizinhança, com a educação dos filhos, e co-habitam com a marginalidade (Agnés Pitrou *cit in* Segalen, 1999).

Um dos percursores nos estudos da família, Murdock (1959, *cit in* Marconi & Lakatos, 2006, pp.171) define a família como:

um grupo social caracterizado por residência em comum, cooperação económica e reprodução. Incluiu adultos de ambos os sexos, dois dos quais, pelo menos, mantêm uma relação sexual socialmente aprovada, e uma ou mais crianças dos adultos que coabitam com relacionamento sexual, sejam dos próprios ou adoptadas.

Esta definição reflecte a família tradicional. Com Giddens (2004, pp. 175) a família é considerada “um grupo de pessoas unidas directamente pelo parentesco, na qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças”.

No que diz respeito à estrutura familiar, esta pode ser considerada em diferentes tipologias: nuclear, alargada, monoparental ou reconstituída (Sacareno e Naldini, 2003). Assim sendo:

- i) Família nuclear: caracterizada por uma união única entre dois adultos e um só nível de descendência, ou seja, apenas são considerados os pais e os filhos;

- ii) Família alargada: composta por várias gerações, estas já incluem os avós, tios e primos tendo vínculo afectivo a um dos progenitores;
- iii) Família monoparental: constituída apenas por um dos progenitores com o(s) filho(s), sendo o motivo da ausência do segundo progenitor a morte, o divórcio e a separação;
- iv) Família reconstituída: incluem apenas uma geração em que um dos progenitores, com relação conjugal anterior pode trazer para a actual relação o(s) filho(s) da anterior relação.

Ainda Le Play (*cit in* Segalen, 1999) sugere três diferentes classificações familiares:

- a) A família patriarcal em que todos os indivíduos se casam e permanecem no lar paterno;
- b) A família instável que abandona os filhos aquando a sua independência;
- c) A família troncal na qual um único filho coabita com os Pais e com os seus próprios filhos.

As chamadas famílias multiproblemáticas têm um foco importante para os estudos com jovens, uma vez que, como anteriormente referimos, é no seio familiar, que as crianças têm o seu primeiro momento de socialização. Para Sousa (2005), estas famílias são caracterizadas pelo baixo poder económico, estando no limiar da pobreza revelando também dificuldades em gerir aspectos emocionais.

A partir das várias pesquisas e reflexões teóricas relativas ao conceito de famílias multiproblemáticas, são várias as designações que procuram as suas características específicas, em termos do seu funcionamento e organização (Sousa, 2005a; Sousa, Hespanha, Rodrigues, & Grilo, 2007 *cit in* Abreu 2011). Sousa et al. (2007 *cit in* Abreu, 2011), agrupam estas diferentes designações em três categorias:

- i) As características familiares com base nas suas fragilidades e no desenvolvimento de comportamentos sociais desviantes;
- ii) As famílias com isolamento social;
- iii) As famílias com características disfuncionais em termos da organização estrutural do sistema familiar.

De facto, as definições deste tipo de famílias demonstram todas a sua complexidade. Nas famílias multiproblemáticas, não existem objectivos familiares comuns, são tendencialmente conflituosas o que nos remete para a falta de competências para saber lidar com essas situações, bem como para a falta de competências reflexivas, empáticas e de vertente social, fazendo com que os elementos destas famílias não tenham noção das consequências dos seus actos (Abreu, 2011). Tudo isto estimula a desagregação e desorganização familiar, que é levada ao extremo pela inexistência de uma hierarquia de poder, em que os Pais não se assumem como tais, havendo ausência de regras (Abreu, 2011).

Minuchin (1967, *cit in* Abreu 2011) apresenta características comunicacionais das famílias multiproblemáticas, a saber:

- a) Intercâmbio limitado de informação entre os elementos;
- b) Presença de canais fechados e mensagens com maior eco relacional do que comunicacional; ausência de empatia, uma vez que os padrões de interacção e de comunicação verbal/não verbal são negativos e pobres em termos afectivos;
- c) Negatividade, culpabilização e crítica constante entre os membros;
- d) Pensamento concreto, o que dificulta a interpretação e reflexão sobre as ocorrências;
- e) Utilização usual de generalizações, dando azo a diversas interpretações.

Em termos económicos, existe também uma evidente desorganização levada pela ausência de um percurso profissional estável, devido em parte à falta de atribuição do valor da construção de uma carreira, o que conduz ao trabalho em actividades indiferenciadas, com o único motivo de auferir provimento económico. Tal produz situações em que muitas destas famílias dependem dos subsídios e ajudas de instituições ou procuram ganhar dinheiro fácil através de actividades ilegais (Abreu, 2011). Como tal, não é estranho o facto de estas famílias apresentarem uma incapacidade evidente para conceptualizar o futuro, vivendo fundamentalmente o presente (Sousa *et al.*, 2007 *cit in* Abreu, 2011).

1.2. Escola

A escola de hoje confronta-se com inúmeras mudanças desencadeadas pelas políticas educativas e pela globalização (Ceia, 2011). A diversidade social e cultural existente proporciona por um lado o espírito de uma escola que é para todos, e por outro produz dificuldades em lidar com essa diversidade, uma vez que as escolas não estão preparadas para tal (Ceia, 2011). As necessidades que decorrem dos avanços acelerados da tecnologia e da informação colocam os sistemas de ensino sob pressão revelando algumas fragilidades e, por vezes, respostas inadequadas (Ceia, 2011). Morgado (2004, pp.9 *cit in* Ceia, 2011) refere que “...heterogeneidade e diversidade parecem, aliás, constituir a característica mais marcante das comunidades educativas actuais.”

Segundo Perrenoud (1995, pp.18 *cit in* Ceia, 2011) a escola apresenta dificuldades na gestão das aprendizagens dos alunos, chamando a atenção para as seguintes questões:

Qual o aluno que poderá interessar-se profundamente pelo seu trabalho quando este é tão fragmentado, desconexo, caótico, ao sabor das mudanças de actividades e de disciplinas, do ritmo das campanhas e de outros toques, da contínua troca de professores e dos respectivos temperamentos, das pressas e dos tempos mortos?

A comunidade escolar é cada vez mais diversificada, sendo que num mesmo espaço físico convivem diferentes culturas e tradições que podem gerar obstáculos ao invés de unir as pessoas e reforçar o desenvolvimento de competências sociais e relacionais (Ceia, 2011). Para a mesma autora, a escola e a sua organização devem ser capazes de desenvolver mecanismos no sentido de unificar os diversos povos para que não existam barreiras ao seu relacionamento. Os sentimentos, percepções, necessidades, direitos, valores e ideologias de professores, alunos, funcionários e pais, assumem, cada qual a seu nível, um papel central na criação e desenvolvimento da escola. Para Perrenoud (1995, pp.18 *cit in* Ceia, 2011) o que falta às escolas são políticas de interesse prático para os alunos que só serão possíveis com a mudança de pensamento dos atores sociais e educativos.

Para Ceia (2011) os professores são os profissionais mais capazes para provocar a mudança numa Educação Intercultural para Todos, no entanto é necessário que eles mesmos também estejam abertos à mudança. Neste clima de desconforto e resistência à diferença geram-se na escola situações como a indisciplina, o conflito, a violência e o *bullying*.

1.2.1. Escola e Absentismo escolar – Enquadramento legal nacional

Na legislação Portuguesa, e no que respeita à problemática do Absentismo Escolar, é a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP)², Lei 147/99 de 1 de Setembro que assegura a protecção das crianças e dos jovens que se encontrem em perigo em território nacional (Art. 2.º LPCJP). Esta mesma lei assegura a intervenção para a promoção dos direitos e protecção da criança em perigo. A intervenção tem lugar quando os Pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto da criança ou jovem ponham em perigo a sua segurança, formação, saúde, educação ou desenvolvimento (Art. 3.º LPCJP). Considera-se para este caso que o jovem que assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, formação, segurança, educação ou desenvolvimento, sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto, se lhes oponham de modo adequado de forma a remover essa situação (Art. 3.º, al. f) da LPCJP).

Apesar das políticas inclusivas referenciadas no quadro legal da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE)³ e da Constituição da República Portuguesa, cabe a cada instituição escolar aplicar essas medidas gerando assim um clima de proximidade e de inclusão. Com o intuito de pacificar o clima conflitual das escolas, introduziram-se alterações ao **Estatuto do Aluno, publicando a Lei nº 3/2008**⁴, de 18 de Janeiro que aprovou o Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário – visando reforçar a autoridade dos professores e a autonomia das escolas. Este estatuto toma como base os princípios definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo promovendo:

a assiduidade, a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, o cumprimento da escolaridade obrigatória, a sua formação cívica, o sucesso escolar e educativo e a efectiva aquisição de saberes e competências (art.2º).

² Disponível em <http://www.dre.pt/pdf1s/1999/09/204A00/61156132.pdf>

³ Disponível em <http://www.dgidec.min-edu.pt/index.php?s=directoriodo&pid=329>

⁴ Disponível em <http://www.guiadoestudante.pt/leis/L3-2008.pdf>

Esta lei definiu também que o professor tem o papel de acompanhar o processo de (re) integração do aluno na escola, após um período excessivo de faltas (artigo 22º). No que respeita ao sistema de faltas, as alterações surgidas tiveram a ver com os procedimentos a tomar nas circunstâncias de excesso de faltas (mais de 50% de faltas).

Assim, com a Lei nº 3/2008 da LBSE além de se fazer uma prova de recuperação quando se atingia mais de 50% das faltas, os Pais e os Encarregados de Educação passaram a ter um papel relativamente à prevenção, acompanhamento e controlo e ao dever de assumir as consequências da falta de assiduidade dos seus educandos (artigo 6.º). A Lei n.º 39/2010, de 2 de Setembro do LBSE acrescenta a responsabilização dos Pais e Encarregados de Educação para situações de disciplina (art.6º).

Mas a grande mudança no sistema educativo português diz respeito à autonomização e descentralização de poderes atribuída pela Lei de Bases do Sistema Educativo e a integração nas escolas do projecto educativo, comunidade educativa, territorialização das políticas educativas, contrato de autonomia, etc. De seguida falaremos do Projeto *Territórios Educativos de Intervenção Prioritária* (TEIP) que são resultado das alterações trazidas por esta lei de bases.

1.2.2. Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP)

Segundo Canário *et al.* (2000) as alterações no mundo laboral que causaram o reaparecimento de fenómenos de vulnerabilidade e de dependência nas populações, bem como o agravamento de uma crise urbana que se revela pela concentração dos problemas sociais, nomeadamente a falta de trabalho e as próprias transformações da escola. A totalidade deste quadro associado à crise geral das instituições serve de propósito para a criação do projecto TEIP. A exclusão social (fenómeno da esfera do mundo do trabalho) e a exclusão escolar (insucesso e abandono) encontram-se associadas representando o TEIP uma medida com o objectivo de promover a integração de populações socialmente mais fragilizadas (Canário, 2000). A “política TEIP” reconstrói o papel da escola e da educação como instrumentos que podem servir

para a diminuição da desigualdade social, através do combate ao abandono, absentismo e insucesso escolares.

Os TEIP foram implementados pelo Ministério da Educação, em 1996, através do Despacho 147-B/ME/96⁵, complementado pelo Despacho Conjunto 73/SEAE/SEEI/96⁶ com o principal intuito de promover tanto a igualdade no acesso e no sucesso dos alunos, bem como a promoção de uma maior autonomia das escolas (Ministério da Educação e da Ciência⁷). Deste modo, torna-se relevante o estabelecimento de parcerias para uma melhor gestão dos bens e serviços comunitários com o intuito de compensar a desigualdade através da rentabilização de recursos, criação de infra-estruturas e integração de ciclos de ensino.

O projeto foi retomado no ano lectivo 2006/07 através do programa TEIP2 e conta agora com a terceira edição com o mesmo objectivo de proporcionar às escolas provenientes de comunidades desfavorecidas instrumentos e recursos para orientar a reinserção escolar dos alunos, combatendo a insegurança, a indisciplina, o insucesso e o abandono escolares (Ministério da Educação e da Ciência⁸).

Através do Despacho 147-B/ME/96 de 1 de Agosto, anteriormente mencionado, definiram-se quatro finalidades para os TEIP:

- i) Melhoria do ambiente educativo e da qualidade das aprendizagens dos alunos;
- ii) Uma visão integradora e articulada da escolaridade obrigatória que favoreça a aproximação dos seus vários ciclos, bem como a educação pré-escolar;
- iii) A criação de condições que favoreçam a ligação escola - vida activa;
- iv) A progressiva coordenação das políticas educativas e a articulação de vivências das escolas de uma determinada área geográfica com as comunidades em que se inserem.

⁵ Disponível em

http://www.observatoriople.gov.pt/np4/np4/?newsId=5&fileName=despacho_147BME_1996.pdf

⁶ Disponível em http://www.prof2000.pt/users/eb23seia/site%20antigo/d_147.htm#73

⁷ Disponível em <http://www.dgisd.min-edu.pt/teip/index.php?s=directorio&pid=18>

⁸ Disponível em <http://www.dgisd.min-edu.pt/teip/index.php?s=directorio&pid=18>

Numa primeira fase o Programa TEIP incluiu 35 Agrupamentos, na segunda fase mais 24 Agrupamentos e 45 na terceira fase de alargamento do Programa, num total de 104 Agrupamentos (Ministério da Educação e da Ciência⁹).

Para a terceira edição deste projecto os objectivos centram-se (Ministério da Educação e da Ciência):

- 1º - A melhoria da qualidade da aprendizagem traduzida no sucesso educativo dos alunos;
- 2º - O combate ao abandono escolar e às saídas precoces do sistema educativo;
- 3º - A criação de condições que favoreçam a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida ativa;
- 4º - A progressiva articulação da acção da escola com a dos parceiros dos territórios educativos de intervenção prioritária

Canário (2000, pp.131) assinala que: “a partir do momento em que a ‘forma escolar’ se tornou o modo de socialização dominante, passou a prevalecer uma concepção de ruptura com a experiência, como forma de aprender”. Nas zonas ditas “difíceis” (como é o caso dos TEIP), a desvalorização dos alunos, da sua experiência e do seu estatuto de sujeitos da sua própria aprendizagem, institui-se como principal obstáculo ao desenvolvimento de competências de socialização.

O mesmo autor regista que a ‘forma escolar’ colide com os novos perfis de alunos uma vez que as “formas” e saberes “oficiais” ministrados pela escola e os conhecimentos e vivências culturais e representações simbólicas que muitos alunos constroem na relação com as suas famílias e com o seu meio estão em desajuste. Esta interacção é essencial para que os alunos possam aprender a comunicar e a dividir as suas experiências devida (Canário, 2000).

1.3. Influência da Família no percurso escolar dos filhos

Gonçalves (2006) refere que até finais do século XIX, os factores determinantes do projecto de vida dos indivíduos estava relacionado com os grupos sociais de pertença.

⁹ Disponível em <http://www.dgidec.min-edu.pt/teip/index.php?s=directorio&pid=18>

Deste modo, o filho de um artesão tenderia a ser artesão e o filho de um agricultor teria fortes possibilidades de o suceder. Alguns elementos de informação como a profissão dos pais, o sexo do filho e a localização do domicílio caracterizavam as oportunidades sociais destes adolescentes e jovens, que poderiam aprender aquilo que precisavam de saber acerca de si próprios e do seu futuro, a partir da repetição de padrões dos grupos sociais de pertença. Só os mais afoitos, imaginativos e obstinados teriam a ousadia de procurar rumos alternativos para as suas vidas (Law, 1991 *cit in* Gonçalves 2006). Hoje em dia a realidade é diferente, colocando-se perante os jovens uma multiplicidade de possibilidades profissionais. No entanto, a família continua a exercer um papel central nos percursos biográficos dos jovens.

A participação da família na escola está assim associada a um desenvolvimento do rendimento académico, a uma melhor adaptação escolar (Bastiani, 1996, *cit in* Abreu 2011), favorecendo, igualmente, as competências interpessoais e o comportamento das crianças e jovens, quer no contexto escolar, quer em casa (Ochoa & Ferrer, 2009 *cit in* Abreu 2011). A escola e a família exercem uma função socializadora que facilita a integração dos seus membros nos grupos sociais em que vivem. Enquanto na família prevalece um estilo de educação informal, a escola constitui-se como o local onde tem lugar a educação formal, com base num processo de ensino - aprendizagem entre o professor e o aluno (Pinto, 1996, *cit in* Abreu, 2011). Contudo, esta relação é fortemente condicionada pela educação dita informal recebida pela família (Abreu, 2011).

Cecconello, Antoni e Koller (2003 *cit in* Gonçalves, 2013) enumeram três características centrais nas relações familiares:

- 1) A reciprocidade, em que os elementos se influenciam uns aos outros;
- 2) O equilíbrio do poder, de forma razoável para promover o desenvolvimento da autonomia;
- 3) Os afetos, pois quanto mais positivas forem as relações familiares, maior a probabilidade de transparecer um desenvolvimento afectivo de forma adequada e adaptada.

Nascimento e Coimbra (2002) acrescentam que a transmissão de valores por parte dos pais pode não ser totalmente benéfica no sentido em que os filhos se vêm condicionados pelas normas impostas. Em suma, os pais ou educadores têm um papel

essencial no processo de socialização dos seus filhos uma vez que oferecem a base inicial através da transmissão de valores e de experiências, favorecendo o diálogo entre os diferentes intervenientes, que serão evidenciados nas atitudes e comportamentos transmitidos às gerações que os sucedem (Biasoli-Alves, 2001).

Gonçalves (2006) refere os resultados de várias investigações sobre a influência da família, nomeadamente dos Pais na construção de expectativas e aspirações profissionais dos adolescentes. Esses estudos salientam um conjunto de variáveis familiares como o nível socioeconómico e cultural dos Pais, as diferenças de género destes que implicam influências desiguais, o emprego materno que passou a ser aceitável após a II Guerra Mundial e o valor do salário do Pai. Contudo, o que ressalta é à qualidade do suporte e apoio por parte da família aos seus filhos nos vários momentos da sua vida, nomeadamente na tomada de decisão em relação à profissão (Gonçalves, 2006).

Também Martins (2007) expõe a influência dos Pais mencionando que a falta de meios, estímulos, motivações, condições de estudo e aprendizagem dos educandos, são entraves para o normal funcionamento do processo de aprendizagem e estão na base do insucesso escolar relacionando o nível socioeconómico das famílias. Para o autor, os problemas familiares como desentendimentos conjugais, ciúmes, comportamento de agressividade e de infantilidade, facilitam também situações de insucesso e indisciplina escolar.

Gonçalves (2006) aponta também o nível socioeconómico das famílias como um fator com influência nas expectativas e aspirações dos jovens pois estes tendem a escolher formações de duração mais curta, e a entrarem mais cedo no mundo do trabalho, optando por profissões menos bem remuneradas e pouco valorizadas. O mesmo autor aponta para estudos relacionados com o género em que a profissão da figura paterna é valorizada pelos filhos de género masculino e os da figura materna pelos filhos de género feminino.

Ainda Gonçalves (2006) evidencia um estudo em que os resultados apontam que os rapazes provenientes de famílias numerosas (mais de quatro filhos) tendem a ter expectativas de formação mais baixas e profissões de baixo estatuto social; no entanto,

quando provêm de famílias menos numerosas (quatro ou menos filhos) tendem a ter expectativas de formação e profissão mais elevadas sendo que a explicação para este resultado, por um lado, tem a ver com a falta de recursos económicos das famílias e por outro com a falta de encorajamento por parte dos pais para se evidenciarem no mundo de trabalho.

1.4. Importância da Relação Institucional entre a Escola e a Família

Gonçalves (2013) refere que a Escola e a Família não podem ser encaradas como contextos de educação independentes pois ambas são agentes de socialização que se completam mutuamente no desenvolvimento do indivíduo permitindo a construção da sua identidade. Segundo Alarcão (2006, *cit in* Gonçalves, 2013), os Pais devem procurar a colaboração com a escola e até interessar-se ativamente na vida da Escola, pois ambos têm a obrigação de educar a criança e ajudá-la a desenvolver-se como ser biopsicossocial. Um relacionamento mais próximo com a Escola proporciona uma troca de experiências para ambos, sobretudo benefícios para os alunos a nível cognitivo, afetivo, social e da personalidade (Polonia & Dessen, 2005; Abreu, 2011; Gonçalves, 2006). Como tal, as suas acções devem estar voltadas no mesmo sentido.

A Escola deve ter como objectivo o apoio e potenciação da acção educativa das famílias e, por sua vez, a família deve procurar envolver-se no projecto educativo dos seus filhos o que ao mesmo tempo permite conhecer melhor o jovem de forma a atuar preventivamente nos problemas manifestados pelos mesmos (Abreu, 2011). Contudo, os Pais devem considerar a Escola como uma fonte de ajuda à formação dos filhos e não como algo que os substitui (Ochoa & Ferrer, 2009 *cit in* Abreu, 2011). Para além disso, a importância (ou a falta dela) que as famílias dão à Escola enquanto meio de transmissão de conhecimento vai mediar e influenciar a motivação dos jovens para estudar (Abreu, 2011). Assim, há maior probabilidade de os alunos progredirem e terem sucesso escolar se as famílias valorizarem a Escola.

Apesar de todos os esforços para a junção das instituições familiar e escolar, nem sempre as relações entre ambas são as desejáveis. Abreu (2011) cita algumas dessas deficiências como é o caso da ausência de um clima de confiança, da falta de tempo e de

disponibilidade e da ineficácia dos canais comunicacionais entre ambos. Professores e Pais têm expectativas e perspectivas diferentes sobre a sua relação, sendo que os primeiros querem que os Encarregados de Educação (EE) participem nas actividades complementares e extracurriculares, os segundos acham que sem eles a Escola não funcionaria da melhor forma. Dada a complexidade do relacionamento Escola - Família e a especificidade de cada contexto, a relação entre ambos deve ser tratada no âmbito de cada realidade específica (Abreu, 2011).

Para Polonia & Dessen (2005) no ambiente de Escola, a relevância dada às necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais dos jovens é realizado de uma maneira mais estruturada e pedagógica que no ambiente de casa. Quando a Família e a Escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento dos alunos podem ser complementares. Não só os Pais devem reconhecer a importância da sua intervenção na Escola, mas também a Escola o deve reconhecer. Os Pais devem participar activamente na educação de seus filhos, tanto em casa como na Escola.

No que diz respeito ao papel do aluno nesta relação entre as duas instituições, Marques (2010) define que os jovens são os mediadores desta relação para além de serem os principais interessados nesta relação, motivo também pelo qual os alunos serem o único interlocutor conhecer das dinâmicas das diferentes instituições. O mesmo autor salienta a importância para a comunicação direta entre a Família e a Escola para que não seja comprometida a informação verídica.

Uma outra perspectiva está relacionada com as representações que os alunos trazem para cada ambiente. Por um lado o jovem traz para a Escola as vivências em Família e por outro lado, em casa demonstram a informação retida na Escola, quer em contexto de sala de aula, quer em contexto de lazer (Marques, 2010).

O Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento do Ministério da Educação desenvolveu um estudo intitulado “A parceria entre a escola, a família e a comunidade: estratégias de envolvimento parental” (L. Carvalho *et al.*, 2000, *cit in* Marques, 2010). Este estudo teve como objectivo, entre outros, a identificação de estratégias capazes de dinamizar parcerias entre a Escola, a Família e a comunidade. Em

muitas dessas estratégias é visível o papel do aluno. Este, como único meio de comunicação entre a Escola e a Família pode influenciar negativamente as percepções que cada instituição tem da outra utilizando para isso diferentes estratégias, como é o caso, por exemplo, do esquecimento da caderneta ou da ocultação dos factos (Marques, 2010).

Zenhas (2006, *cit in* Marques 2010) considera importante que os Directores de Turma (DT) tenham consciência de que os alunos podem distorcer as mensagens que circulam entre a Escola e a Família e assim promoverem a comunicação direta entre ambos. As estratégias para melhorar a relação entre a Escola e a Família devem ser desenvolvidas no sentido de encorajar as crianças e jovens, tanto quanto os seus Pais, a desencadearem ou facilitarem o envolvimento dos Pais na vida escolar, tendo presente a importância da relação Escola/Família na sua educação.

Capítulo II – Insucesso Escolar, Absentismo e o futuro dos jovens

2.1. Insucesso Escolar

As manifestações relativas ao insucesso escolar traduzem-se na falta de importância e motivação dada à Escola, nas dificuldades em realizar as tarefas propostas devido ao nível exigido, no abandono escolar precoce, na indisciplina e na violência (Correia, 2011).

Torres Santomé (1995 *cit in* Correia, 2011) considera que a generalização do acesso à educação pode ser vista como um modo de institucionalização e legitimação do insucesso escolar dos grupos socioeconómicos desfavorecidos. Barroso (2003 *cit in* Correia, 2011) também culpabiliza a Escola pelo insucesso escolar dos alunos uma vez que não desenvolvem competências específicas necessárias para o aluno.

Sendo o insucesso escolar assumido como um problema social, várias foram as teorias explicativas deste fenómeno, desde a responsabilidade atribuída aos alunos pelo seu insucesso escolar, à sua origem de classe passando por outras responsabilizações.

Inicialmente, as causas do insucesso eram atribuídas às características cognitivas ou de personalidade próprias do aluno que impediam desta forma o seu sucesso considerando também que estas características estão relacionadas com as relações interpessoais do aluno (Correia, 2011).

Mais tarde, Bourdieu & Passeron (referidos por Saavedra, 2001:68 *cit in* Correia, 2011) remetem as causas do insucesso para a escola, uma vez que esta cria uma desigualdade entre as diversas classes sociais e culturais. Formosinho (1987 *cit in* Correia, 2011) refere cinco fatores sociais que condicionam o sucesso:

- 1) A linguagem;
- 2) Os projetos e estilos de vida da família;
- 3) As atitudes da mesma face ao saber e à escola;
- 4) As condições de vida como os horários e a alimentação;
- 5) O acesso a bens culturais como livros e computadores ou a formas de lazer ou de vida associativa.

Na perspectiva destas teorias, torna-se importante a dinamização de políticas educativas inclusivas quer a nível de integração das diferentes culturas quer de diferentes estratos sociais.

Tavares (2006) refere também três implicações para o insucesso escolar, são elas:

- 1) O abandono da escola precoce;
- 2) As reprovações sucessivas;
- 3) Passagem para um nível de ensino menos exigente que por sua vez os afasta do nível de ensino superior.

Saavedra (2001 *cit in* Correia, 2011) considera que as políticas educativas já existentes para o combate ao insucesso escolar, como é o caso dos cursos profissionais, não resolvem o problema, pelo contrário, intensificam as desigualdades existentes uma vez que as oportunidades não são atribuídas de igual forma.

2.2. Absentismo Escolar

Tavares (2006, pp. 19) define Absentismo como

uma expressão utilizada para designar a falta do aluno à escola. Num sentido mais amplo, é a soma dos períodos em que os alunos de uma determinada escola se encontram ausentes, não sendo a ausência motivada por doença prolongada ou licença legal.

Segundo Reid (*cit in* Tavares, 2006) o absentismo está relacionado com o meio escolar e familiar. No primeiro os alunos sentem-se incapazes, com pouca auto-estima e quando regressam à Escola depois do período de falta não têm uma recepção calorosa por parte desta. Por sua vez as ameaças feitas por parte dos atores educativos podem trazer um clima de descredibilidade, uma vez que não sejam cumpridas. A perda de ligação afectiva à Escola também se torna um fator condicionante do absentismo uma vez que os jovens não participam nas actividades escolares. A Escola deve proporcionar aos alunos um clima de integração dos mesmos. No que diz respeito ao segundo meio, o familiar, poderá influenciar o absentismo escolar na medida em que os Pais põem em causa a sua autoridade quando se sentem incapazes de assegurarem a ida dos filhos para a Escola.

Tavares (2006) reforça este entendimento de que nem sempre as causas do absentismo estão somente relacionadas com o próprio aluno mas também na falta supervisão por parte da Escola e da Família, na falta de motivação e estímulos, nas relações formais e informais deficientes e em toda a conjuntura económica em que vivemos. As condições mencionadas nestes dois meios poderão provocar no aluno um sentimento de autonomia e por sua vez, considerarem o absentismo como solução dos seus problemas (Correia, 2011).

Vasconcelos (2013) e Encarnación, (2009) referem que muitos alunos não têm a possibilidade de entender as regras da escola, levando-os à resistência (mais evidente nos alunos mais velhos, repetentes) e muitas das vezes a situações de indisciplina e violência. Vasconcelos (2013) reflecte ainda que o absentismo e o abandono escolar são problemas sociais e políticos e devem ser vistos como problemas a resolver a nível pedagógico.

Um estudo sobre Absentismo Escolar em Portugal realizado pela Universidade Autónoma de Lisboa (*cit in* Correia, 2011) conclui que os alunos absentistas são na sua maioria, rapazes e adolescentes. O momento em que o absentismo é mais acentuado regista-se no 3º ciclo de escolaridade, com 42,3% seguindo-se o 2º ciclo, com 33,5% de casos, e, por último, o 1º ciclo, com 19,2%.

Em Portugal, nos casos de absentismo e abandono, a solução mais frequentemente escolhida pelos professores é a articulação com as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), com múltiplos serviços de apoio e com a polícia (Sales *et al*, 2005). A pressão sobre os Pais para os responsabilizar sobre estas questões é cada vez maior fazendo-se um trabalho muito importante em rede. Para Sales *et al* (2005) no 3º ciclo e no secundário a relação entre o professor, o aluno e a família é reconhecida como mais eficaz para resolver o problema de absentismo pelo que a intervenção deve ser feita o mais precocemente possível.

O Absentismo Escolar existe de diversas formas, umas mais ligeiras e outras mais agudas como tal é necessário conhecer a sua intensidade, assim como as condições e circunstâncias que estejam relacionadas (González, 2005). O mesmo autor considera que esta problemática se traduz no insucesso escolar dos alunos, tratando-se também,

como já referido por outros autores, como um problema de cariz social uma vez que cada vez mais se vão sendo diminuídas as oportunidades de emprego e sucesso pessoal o que poderá aumentar o problema de marginalização, delinquência e analfabetismo.

Encarnación (2009) identifica assim vários tipos de Absentismo Escolar:

- 1) O absentismo elevado (percentagem de faltas é superior a 50%);
- 2) O absentismo médio (percentagem de faltas está entre 25% a 50%);
- 3) O absentismo baixo (percentagem de faltas é inferior a 25%).

Segundo Encarnación (2009), o absentismo escolar também pode ser:

- a) Justificado (quando a família envia à escola a justificação da falta);
- b) Injustificado (quando a escola não possui nenhum tipo de documento que justifique as faltas);
- c) Pontual/esporádico (quando o aluno falta durante um período de tempo considerável mas volta e não repete a ausência);
- d) Descontínuo (quando a frequência acontece de forma alternada, interrompendo o processo de aprendizagem e seguidamente voltando de novo para a escola).

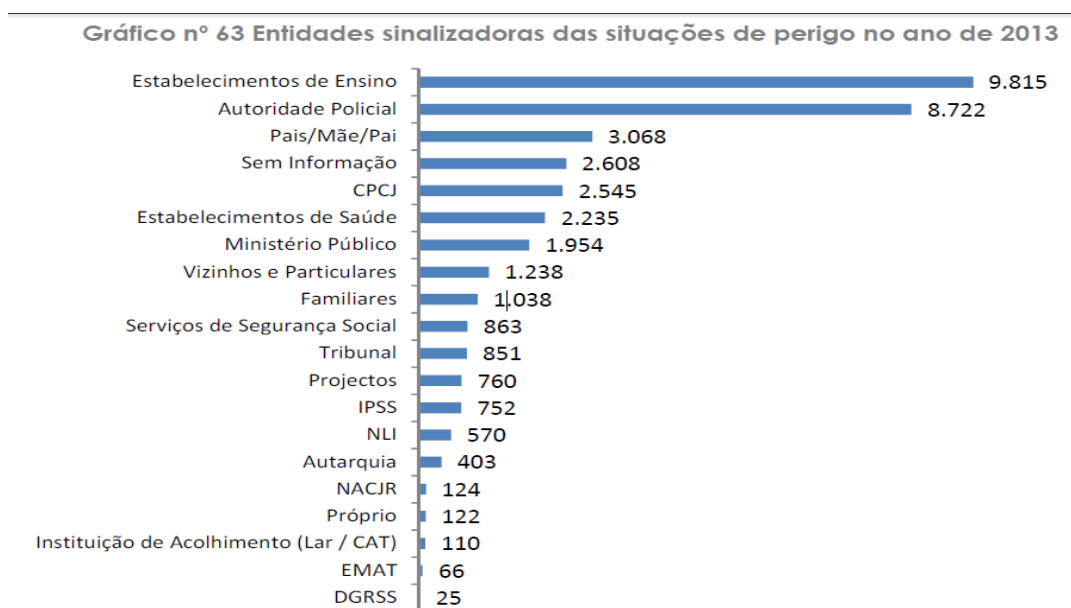
González (2005) faz ainda referência para a existência de um Absentismo Virtual, sendo que o aluno está na sala de aula apenas para marcar a sua presença, sem levar material. Encarnación (2009) refere ainda que uma grande percentagem dos alunos com problemas de absentismo vivem em ambientes socio-económicos desfavorecidos privando-se do ensinamento da cultura e da educação o que se traduz numa variável muito influente no desenvolvimento dos mesmos.

Saez (2005) acrescenta que a família tem um forte envolvimento nesta problemática no sentido em que as representações trazidas pelos Pais no que diz respeito à escolarização transmitem um sentimento de incapacidade e de inferioridade por parte dos Pais para ajudar os filhos. O mesmo autor refere-nos também a importância do grupo de pares nas escolhas do indivíduo, uma vez que as influências dos pares podem prejudicar o comportamento do aluno não só no que diz respeito à indisciplina mas também à assiduidade, relacionando-as também com a falta de motivação do próprio aluno para a presença na aula. Desta forma se percebe que, tanto as famílias como a escola e as entidades com competência em matéria da infância e juventude devem

realizar um trabalho multidisciplinar de forma a promover o bem-estar físico, psicológico e social dos jovens alunos.

Relativamente aos dados, a nível nacional, acerca desta problemática do absentismo escolar, apenas as sinalizações feitas para a CPCJ são publicadas. De acordo com o *Relatório Anual da Avaliação da Atividade das CPCJ*¹⁰, transitaram para o ano de 2014 **37 220 processos** dos quais **1048** pertencem à CPCJ de Gondomar (Concelho onde foi realizado o estudo empírico deste projeto). Não sendo especificado o motivo das sinalizações, o relatório refere ainda que o aumento de sinalizações no que diz respeito ao incumprimento do Direito à Educação está directamente relacionado com o alargamento efectuado no ano de 2012 da escolaridade obrigatória para o 12ºano. Contudo podemos fazer uma análise acerca das entidades que sinalizam as situações de perigo, visto que na sua maioria as sinalizações são efectuadas por **estabelecimentos de ensino** (com uma percentagem de 25,9%), como se pode verificar no gráfico que apresentamos abaixo (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Entidades Sinalizadoras (2013)



Fonte: Relatório Anual da Avaliação da Atividade das CPCJ, pp. 81

¹⁰ Disponível em http://www.cnpcjr.pt/%5CRelatorio_Avaliacao_CPCJ_2013.pdf

2.3. O futuro dos jovens

Segundo Galland, o modelo tradicional da transcrição para a vida adulta caracteriza-se pela sucessão de três fases bem definidas e delimitadas (Galland, 1995 *cit in* Guerreiro & Abrantes, 2007):

- 1) O trajecto escolar;
- 2) A entrada no mercado de trabalho;
- 3) O casamento e saída de casa dos Pais.

As críticas a este modelo referem que a saída de casa dos Pais não é definitiva nem implica necessariamente o casamento levando a situações em que os jovens não estão integrados totalmente em nenhum domínio social (escola, família e emprego) originando situações de exclusão e isolamento (Pais, 2001; Pappámikail, s/d). Paralelamente a isso, a crescente circulação de informação e de pessoas (globalização), faz com que muitos jovens desejem “viver a vida” e “gozar a liberdade”, saindo à noite, viajando, divertindo-se, convivendo, antes de “assentarem” (Pais, 2001).

Ainda sobre esta temática, Nascimento & Coimbra (2002) sugerem que a crise actual faz com que os jovens não alcancem êxito precoce, desmotivando-os para as saídas da casa dos Pais. Além disso, tem-se assistido ao rápido crescimento de uma terceira via, como é o caso da formação profissional. Os cursos profissionais são uma ocupação para os jovens desadaptados do ensino formal (quase sempre provenientes dos meios desfavorecidos), sendo utilizados como último recurso e não tanto como uma primeira escolha (Guerreiro & Abrantes, 2007).

Gonçalves (2006) menciona que o fator socioeconómico do indivíduo é determinante no que diz respeito ao acesso de oportunidades. Neste sentido, adolescentes e jovens provenientes de contextos menos favorecidos estão condicionados a reduzir o seu tempo de formação para entrarem muito cedo no mundo de trabalho também pelo facto das expectativas de formação e profissão do seu grupo de pertença agirem da mesma forma (Gonçalves, 2006).

Neste contexto ainda, Almeida (2007) refere os níveis de escolarização da população activa em que mais de 60% dos trabalhadores por conta de outrem não têm mais do que

o 9º ano de escolaridade e em que mais de 50% dos jovens matriculados no secundário não o concluem sendo que para esta população, o contexto de trabalho é privilegiado e o único modo de construção da sua empregabilidade.

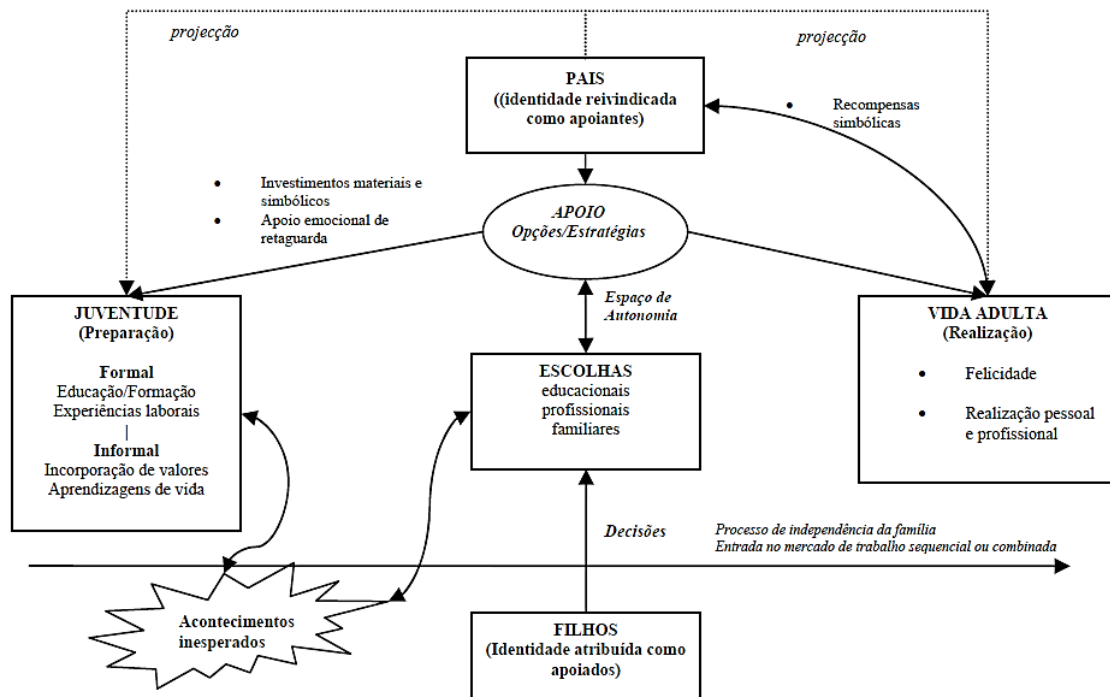
Guerreiro & Abrantes (2007) menciona inquéritos recentes realizados em Portugal que, mostram que 40% dos jovens entra no mercado de trabalho no escalão etário dos 15-17 anos, sem possuir quaisquer qualificações (inquérito realizado por Alves, 1998), e que cerca de metade dos jovens entre os 17 e os 24 anos têm o trabalho como meio de subsistência (inquérito realizado por Garcia et al, 2000).

Os processos de modernidade e globalização têm criado divergências no mercado de trabalho, com consequências muito significativas nas formas de transição dos jovens para a vida adulta. Exemplo disso é a precaridade das relações e vínculos laborais que levam a situações de contratação temporal ou até mesmo de desemprego que se encontra com uma taxa de 15,1%¹¹. Pais (2001) refere-se a esta situação como “trajectórias yo-yo” dando início a situações de dependência e instabilidade onde muitas vezes, os jovens recorrem a “biscates” para auferir algum dinheiro.

Pappámikail (s/d) elaborou um esquema (cf. Figura 1) que resume o modo como os Pais vêm a trajectória dos filhos tendo em conta a educação que deram na preparação dos jovens e na transição para a vida adulta. No estudo realizado pela autora, a mesma concluiu que os Pais centram as suas atenções nos filhos sendo que estes atribuem aos Pais uma rede de apoio com que podem contar para o que precisam quer a nível afectivo, quer a nível material (sempre de acordo com as suas possibilidades). Neste sentido, os Pais são elementos fulcrais para a passagem dos filhos para a vida adulta.

¹¹ Dados Consultado em 23/07/2014 disponíveis em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0005599&selTab=tab0

Figura 1 – Juventude e Vida Adulta



Fonte: Pappamikail (s/d), pp. 77

Concluimos desta forma que os Pais têm influência não só no percurso escolar dos seus filhos como nas decisões que os mesmos tomam quer na juventude, quer na chamada “vida adulta”, pois é através deste vínculo familiar que os jovens atribuem significados à sua vida. Seguidamente, apresentamos na parte em que intitulamos *Estudo Empírico* os resultados obtidos neste estudo bem como as conclusões retiradas das análises feitas.

Parte II – Estudo Empírico

Capítulo III – Metodologia

3.1.Objectivos do estudo

Como já foi afirmado, a problemática do Absentismo Escolar é o foco deste estudo. A partir desta temática, desenvolvemos a recolha de dados a partir de um objectivo central: perceber quais as perspectivas futuras destes jovens e daí fortalecermos o nosso estudo em objectivos específicos, tais como:

- i) Conhecer a realidade da Escola Secundária de São Pedro da Cova tendo em conta as dinâmicas em torno do Absentismo Escolar;
- ii) Aferir o contexto socio-económico dos alunos em absentismo;
- iii) Identificar os motivos apresentados quer pelos alunos, quer pelos DT para os problemas com a assiduidade;
- iv) Explorar o percurso escolar dos alunos com absentismo escolar;
- v) Caracterizar as respectivas turmas e os alunos com absentismo escolar;
- vi) Identificar a envolvência ou não das famílias no percurso escolar dos filhos;
- vii) Averiguar a existência ou não de auto-projetos de futuro bem como da escolha de uma profissão.

Com estes objectivos pretendemos assim compreender melhor a problemática do absentismo escolar na perspectiva dos jovens, mas também relacionando no estudo factores como a família, a escola e o percurso escolar destes alunos, tudo numa perspectiva de intervenção em Serviço Social.

3.2.Instrumentos e Procedimentos

Para a elaboração deste estudo optamos por uma metodologia diversificada tendo em conta as limitações do estudo (ver infra).

Para os Encarregados de Educação (EE) elaboramos um breve questionário (Anexo I) dividido em três partes: uma primeira parte com a identificação do EE, seguida de uma outra parte relativa à participação dos EE na vida escolar dos seus educandos e uma terceira parte referente à sua relação com a Escola.

De acordo com Marconi & Lakatos (2003) o processo de elaboração de um questionário requer cuidados nas questões a serem colocadas, sendo que devem de estar de acordo com os objectivos propostos para o estudo, a ser claras e sucintas. Esta recolha de dados, segundo Marconi & Lakatos (2003, pp. 201), apresenta vantagens e desvantagens, a saber:

Vantagens

- a) Economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados;
- b) Atinge maior número de pessoas simultaneamente;
- c) Abrange uma área geográfica mais ampla;
- d) Economiza pessoal;
- e) Obtém respostas mais rápidas e mais precisas;
- f) Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato;
- g) Há mais segurança, pelo facto das respostas não serem identificadas;
- h) Há menor risco de distorção, pela não influência do pesquisador;
- i) Há mais tempo para responder e em hora acessível;
- j) Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento;
- l) Obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis.

Desvantagens:

- a) Percentagem pequena dos questionários que voltam; (não se aplica ao presente estudo, pois questionários foram preenchidos em co-presença)
- b) Grande número de perguntas sem respostas;
- c) Não pode ser aplicado a pessoas analfabetas; (não se aplica ao presente estudo)
- d) Impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas; (não se aplica ao presente estudo)
- e) A dificuldade de compreensão, por parte dos informantes, leva a uma uniformidade aparente;
- f) Na leitura de todas as perguntas, antes de respondê-las, pode uma questão influenciar a outra;
- g) A devolução tardia prejudica o calendário ou sua utilização; (não se aplica ao presente estudo)
- h) O desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidos torna difícil o controle e a verificação; (não se aplica ao presente estudo)

i) Nem sempre é o escolhido que responde ao questionário, invalidando, portanto, as questões; (não se aplica ao presente estudo)

j) Exige um universo mais homogêneo.

O questionário foi preenchido pelos EE aquando da reunião realizada em Março de 2014 com a técnica do GAAF, a supervisora de estágio e a estagiária, sendo previamente explicado o objectivo do estudo e o conteúdo do respectivo questionário, pelo que depois foram assinadas as declarações de consentimento informado.

A técnica de entrevista em profundidade foi outro instrumento de recolha de dados utilizado uma vez que para Marconi & Lakatos (2003) se trata de uma metodologia com o propósito de obter respostas válidas e pertinentes, sendo considerada pela autora uma técnica de excelência para obtenção de dados concretos. Albarello *et al* (1997, pp. 89) define esta técnica de entrevista como “o instrumento mais adequado para delimitar os sistemas de representações, de valores, de normas veiculadas por um indivíduo”. Utilizamos desta forma a técnica da entrevista em profundidade, semi-estruturada elaborando previamente um guião de entrevista para cada grupo de participantes: os DT e os alunos (cf. Anexo III e IV).

O guião de entrevista aos DT foi dividido em quatro unidades de análise: i) Dados socio-demográficos tendo como objectivo geral caracterizar a identidade do entrevistado tendo em conta a sua experiência profissional; ii) A relação da família com a escola, com o objectivo de identificar a relação que os EE têm com a escola, tendo em conta a sua participação e a relação com os diferentes intervenientes da comunidade escolar; iii) O aluno na Escola com o objectivo de caracterizar socio-demograficamente os alunos bem como compreender os motivos apontados para o absentismo escolar; iv) O absentismo escolar, com o objectivo de caracterizar o absentismo escolar na ESSPC e possíveis estratégias de prevenção e intervenção.

As entrevistas com os DT foram realizadas na sala dos directores de turma conforme a disponibilidade de agenda dos mesmos, com duração de aproximadamente uma hora, de forma individual, tendo sido permitida a gravação da mesma para sua transcrição.

Para as entrevistas com os alunos concretizamos um guião de entrevista com cinco partes: i) caracterização do agregado familiar; ii) relação com a Escola; iii) caracterização do percurso escolar do aluno; iv) o aluno e a família; v) O aluno e o Futuro. As entrevistas foram concretizadas individualmente, com duração máxima de 50 minutos, uma vez que foram feitas em horário de aula disponibilizado previamente pelos respectivos DT. No início das entrevistas foi pedido aos participantes a gravação das mesmas para posteriormente serem transcritas. Tempos antes de serem realizadas as entrevistas, a técnica do GAAP apresentou os participantes à investigadora para que o momento da entrevista não fosse o primeiro contacto com os alunos.

Relativamente ao tratamento da informação recolhida, consideramos oportuna a Análise de Conteúdo Conceptual. O guia da Universidade de Colorado¹² acerca da Análise de Conteúdo em que referencia o significado de análise conceptual e quais os passos a concretizar neste processo serviu como referência para a Análise de Conteúdo levada a cabo neste trabalho.

De acordo com o referido guia, para se fazer uma análise através de conceitos devem seguidos os passos: i) decidir o nível de análise; ii) definir um conjunto de conceitos e categorias; iii) decidir quanto à codificação - se em existência de conceito ou de frequência de conceito; iv) definir o grupo de conceitos; v) decidir o que fazer com a informação irrelevante; vi) explorar os conceitos e identificar a sua frequência; vii) analisar os resultados¹³. A análise através de conceito permite-nos compreender quais os conceitos ou expressões mais utilizados no texto e fazer uma análise dos mesmos.

Para a recolha de dados elaboramos ainda uma Ficha individual de Aluno (Anexo V) que contém dados socio-demográficos do aluno bem como dados sobre o seu percurso escolar. A ficha foi preenchida junto dos DT que disponibilizaram toda a informação pretendida detalhadamente, através dos seus registos de turma e pelo Sistema Informático da Escola. Esta etapa foi conseguida numa primeira fase do estudo uma vez que esta contém informações sobre o agregado familiar e o contacto telefónico do EE.

¹² Disponível em <http://writing.colostate.edu/index.cfm>

¹³ Carley (1992) in <http://writing.colostate.edu/guides/page.cfm?pageid=1310>; Consultado em 30/06/2014

O pedido para se realizar o estudo com os alunos da ESSPC foi feito verbalmente, pela técnica do GAAF à diretora da escola que, desde logo, concordou e se disponibilizou para qualquer tipo de ajuda.

Uma vez que o estudo se realizou no âmbito do Estágio Curricular, toda a informação apreendida durante o mesmo sobre esta realidade em estudo também contribuirá para a análise.

3.3. Limitações do projecto

Como já referimos inicialmente, pensamos em realizar um estudo com alunos sinalizados na Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) com o intuito de relacionar os maus tratos, nomeadamente, a quebra do direito à educação, com o absentismo e insucesso escolar. Como tal não foi permitido (por parte da presidência da CPCJ concelhia), idealizamos um novo estudo que agora apresentamos. Esta necessidade de alteração de tema de PG implicou não só perdemos tempo na pesquisa bibliográfica direcionada a esse tema, como também na espera de agenda de reunião com a presidência da CPCJ. Perante a impossibilidade de tratar o tema inicialmente pensado, fizemos novamente nova pesquisa e elaboramos todos os documentos para a recolha de dados para o tema agora em apresentação; no entanto por tudo o que já referimos, tal teve como consequência o abordarmos os jovens tardiamente, uma vez que já se encontravam em finais de 2º período. A obtenção de resultados por parte dos jovens no que diz respeito a alterações na assiduidade não foi de todo imediatamente visível, uma vez que já estavam a terminar o ano lectivo e, para eles “já nada valia a pena”.

O tempo aparece neste estudo como uma limitação, trazendo-nos o sentimento de impotência, uma vez que não conseguimos fazer o que queremos, quando queremos.

Uma das grandes limitações deste estudo é a participação dos jovens, uma vez que estamos a lidar com alunos com graves problemas de assiduidade. Apesar de todos os esforços por parte das técnicas do GAAF, pelos DT, pelos EE e pela estagiária, na realidade com alguns dos jovens em estudo foi difícil a comparência quer nas entrevistas, quer nas actividades dinamizadas pela estagiária posteriormente. Um dos

alunos seleccionados não chegou mesmo a realizar a entrevista pelo que não fará parte deste estudo.

Outra das limitações deve-se também à disponibilidade dos DT para a realização da entrevista, sendo que por motivos de agenda, optaram por disponibilizar o seu tempo em horário de atendimento aos Pais pelo que, nem sempre esteve esse horário vago para a concretização da recolha de dados. Contudo, os DT mostraram-se sempre muito interessados no estudo e em fazer parte dele sendo flexíveis na apresentação da informação pretendida.

No que diz respeito às famílias dos alunos, nomeadamente os EE, apesar de ser previamente agendada uma reunião com todos, a mesma não foi possível de concretizar por falta de comparência dos EE. Agendamos novamente reunião realizada individualmente, mediante disponibilidade dos EE. Desta forma acabou por ser possível a recolha de informação e aprovação da inclusão dos seus educandos no estudo (cf. Anexo I e II). Contudo, um dos EE, por motivos de saúde, não conseguia vir à Escola na data e hora agendada. Assim, a estagiária juntamente com as técnicas da Escola e a supervisora de estágio deslocaram-se ao domicílio da EE que após uma conversa se prontificou a comparecer na Escola para reunir com a estagiária e também com a Directora de turma (que ainda não a conhecia).

Um outro obstáculo que encontramos diz respeito à bibliografia acerca da temática desenvolvida. Não encontramos nenhum livro que nos falasse sobre o Absentismo Escolar na literatura portuguesa trazendo-nos desta forma perspectivas idealizadas de acordo com as vivências do nosso país. A revisão bibliográfica teve que ser feita, em parte, pela leitura de dissertações de mestrado publicadas que referem autores estrangeiros.

Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados

4.1. Caracterização Institucional: a escola num contexto TEIP

A Escola Secundária de São Pedro da Cova está situada na freguesia de São Pedro da Cova, concelho de Gondomar. Esta freguesia conta com cinco Conjuntos Habitacionais, mais popularmente conhecidos como “bairros”, marcados por várias problemáticas de precaridade económica, marginalidade e exclusão social (ESSPC: PEE, 2013).

Esta escola iniciou a sua construção em 1998/1999 tendo sido inaugurada no ano de 2000 e teve como intuito dar resposta à sobrelotação das escolas secundárias do concelho. No que diz respeito aos recursos disponíveis, conta com 30 salas de aula, um pavilhão gimnodesportivo, um auditório com capacidade para 95 pessoas, dois gabinetes de trabalho, duas salas de diretores de turma, um gabinete de apoio ao aluno e à família e um gabinete de serviço de psicologia e orientação (ESSPC:PEE, 2013).

Desta escola fazem parte cerca de 90 professores, três técnicos superiores e oito Assistentes técnicos administrativos e ainda 21 Assistentes operacionais para além destes estão inscritos cerca de 600 alunos (ESSPC:PEE, 2013). Esta escola oferece também as seguintes atividades extracurriculares: Projeto Comenius (Parcerias multilaterais entre escolas); Projeto de Educação para a Saúde (PES); Desporto Escolar (dança, andebol, natação, badminton, tiro com arco); Rádio Escolar; Jornal Escolar – “Dito & Feito”; Clube de Artes (fotografia, serigrafia); Clube das manualidades; Grupo Coral “Vox Populi” (ESSPC:PEE, 2013).

No que diz respeito à oferta formativa fazem parte o ensino regular de 3º ciclo e secundário (áreas científico-humanísticas); os Cursos de Educação e Formação (CEF) nas áreas de Eletricista de Instalações (Tipo 2, 2º ano), Empregado Comercial (Tipo 2, 1º ano) e Operador de Informática (Tipo 2, 1º ano); os Cursos Profissionais de Técnico de Artes Gráficas, Técnico Auxiliar de Saúde, Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, Técnico de Apoio à Gestão Desportiva, Técnico de Gestão e Técnico de Higiene e Segurança no Trabalho e Ambiente; os cursos vocacionais, Cursos EFA e PIEF. (ESSPC:PEE, 2013).

Relativamente aos princípios e valores da ESSPC, são mencionados os seguintes (ESSPC:PEE, 2013 pp.15-16):

1. Promoção da qualidade de ensino e das aprendizagens;
2. Promoção da realização pessoal e profissional de toda a comunidade escolar;
3. Defesa e promoção da democratização da educação e da igualdade de oportunidades;
4. Defesa e promoção da humanização da escola: Respeito pela diferença; Defesa e promoção de uma escola inclusiva.
5. Desenvolvimento do espírito crítico e da prática democrática numa perspetiva de educação para a cidadania e desenvolvimento pessoal e social;
6. Envolvimento/participação de todos os interessados no processo educativo e na vida da escola;
7. Valorização da formação e da atualização permanente do pessoal docente e não docente, designadamente através do estabelecimento de referenciais de formação a implementar;
8. Implementação de medidas que promovam o sucesso escolar e que contribuam para compensar desigualdades económicas e sociais e dificuldades de aprendizagem e de integração;
9. Contribuir para a formação integral dos alunos;
10. Fomentar a participação de toda a comunidade na realização e implementação de todos os documentos de planeamento da ação educativa;
11. Promover e desenvolver atitudes de avaliação de toda a vida escolar;
12. Melhorar as condições físicas da escola;
13. Valorizar o desenvolvimento de aptidões vocacionais e profissionais, para promover a formação para o exercício de uma profissão;
14. Prevenir situações de abandono escolar facultando uma formação comum geral que tenha em conta os interesses e características dos alunos, permitindo opções formativas diferenciadas;
15. Desenvolver práticas educativas que promovam, junto dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, a progressiva inclusão social, o cumprimento da escolaridade obrigatória, a prevenção do abandono e a integração na vida ativa;
16. Promover a autoestima, a responsabilidade e a autonomia;
17. Desenvolver atitudes e regras de convivência que conduzam à formação de cidadãos tolerantes, responsáveis e civicamente intervenientes;

18. Garantir a qualidade das relações entre os membros da comunidade educativa que conduzam a uma vivência democrática;
19. Suscitar a participação ativa das instituições do meio local na vida da escola;
20. Garantir a formação contínua e permanente dos agentes educativos.

Para além destes princípios e valores, a escola definiu objetivos operacionais específicos, nomeadamente, a redução da taxa de absentismo escolar de 6,18% para 3% (ESSPC:PEE, 2013).

Para a prevenção de situações de absentismo escolar, o GAAF constitui um serviço de apoio ao aluno e respetivas famílias que contribui para o desenvolvimento e integração socio-profissional do jovem nas suas diferentes dimensões (individual, familiar, escolar e social). Como tal, fazem parte o Serviço de Psicologia e Orientação; o apoio à Educação Especial; a Ação Tutorial; a Mediação Educativa; e o Apoio e Intervenção com a família (ESSPC:GAAF, 2013).

O GAAF funciona de 2^a a 6^a feira das 9h30 às 18h30 integrando uma equipa multidisciplinar: uma técnica de aconselhamento psicossocial, uma psicóloga e uma educadora social com a seguinte metodologia de trabalho (ESSPC:GAAF, 2013 pp. 3):

abordagem individual/em grupo, formal e/ou informal, com o objetivo de estabelecer uma relação de proximidade empática com os alunos;

trabalho em parceria com Instituições da Comunidade Escolar e Educativa; Apoio aos alunos e famílias na definição de projetos de vida;

sensibilização dos alunos e suas famílias para a importância da escola na construção de um projeto de vida;

apoio aos alunos e famílias na resolução dos problemas utilizando os seus próprios recursos e os recursos existentes na comunidade de forma a promover autonomia e uma verdadeira inserção social; m

mediação Socioeducativa

4.2. Caracterização dos Participantes

Deste estudo fizeram parte 7 alunos com absentismo escolar, 4 DT e 6 EE¹⁴. Em seguida falaremos dos mesmos separados em três grupos respectivamente.

Relativamente à escolha da amostra, esta foi feita de forma racional por parte das técnicas do GAAF. Para Fortin (2009) a amostra por escolha racional constitui um grupo de indivíduos em função de uma característica comum que seja procurada pelo investigador para representar o tema escolhido.

Como já referimos anteriormente, não nos foi permitido trabalhar com alunos que estivessem já sinalizados na CPCJ; assim para a seleção da amostra a característica comum seria alunos com problemas de assiduidade mas que não estivessem ainda sinalizados.

As técnicas que trabalham com alunos com esses problemas apresentaram-nos uma lista de dez alunos (todos do 3ºciclo), que consideraram que poderíamos trabalhar. Desta primeira seleção, apenas oito EE responderam à solicitação e aceitaram a realização do estudo. Posteriormente, foram sinalizados mais dois casos de absentismo às técnicas do GAAF que encaminharam de imediato para o estudo a realizar. Contudo, devido à falta de aprovação por parte dos Pais para ser realizado o estudo, estes dois alunos também não puderam fazer parte do mesmo. Apesar de todos os esforços no sentido de conseguir a presença dos alunos na recolha de dados, um dos alunos deixou de comparecer na Escola, impossibilitando a sua participação no estudo.

Desta forma, a amostra que conseguimos para o estudo é representada por sete alunos, seis EE e quatro DT.

a) Caracterização dos Encarregados de Educação

Do estudo fizeram parte seis EE todos do mesmo sexo (Feminino), com idades compreendidas entre os 39 e os 50 anos. A nível de habilitações literárias o 3ºciclo é o predominante (Quadro I).

¹⁴ Uma dos EE era Mãe de dois alunos parte do estudo.

Quadro I – Caracterização dos Encarregados de Educação

| Código de EE | EE1 | EE2 | EE3 | EE4 | EE5 | EE6 |
|-------------------------|--------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-------------------|
| Idade | 46 | 39 | 40 | 50 | 49 | 48 |
| Género | F | F | F | F | F | F |
| Habilitações Literárias | 3ºciclo | 3ºciclo | 3ºciclo | 2ºciclo | 1ºciclo | Nenhuma |
| Situação profissional | Emp. tempo inteiro | Desempregado | Desempregado | Desempregado | Desempregado | Trabalho informal |

b) Caracterização dos Alunos

Para a caracterização dos alunos apresentamos abaixo um quadro-sumário da amostra.

Quadro II – Caracterização dos alunos

| Código de Aluno | RCEF | P9D | T9D | S7A | Z7A | DVOC | JVOC |
|--------------------------------------|--------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------------|------------------------|
| Idade | 17 | 16 | 16 | 13 | 15 | 17 | 16 |
| Género | M | M | M | F | F | F | M |
| Escalão escolar | POPH | A | A | A | A | A | A |
| Tipo/ano de Ensino | Curso Profissional/9ºano | Regular/9ºano | Regular/9ºano | Regular/9ºano | Regular/7ºano | Curso Vocacional /8ºano | Curso Vocacional/8ºano |
| Nº de reprovações | 3 | 2 | 1 | 0 | 3 | 2 | 2 |
| Nº de faltas injustificadas | 405 | 145 | 158 | 114 | 141 | 312 | 170 |
| Nº de faltas justificadas | 68 | 9 | 5 | 4 | 146 | 55 | 75 |
| Nº de faltas disciplinares | 8 | 9 | 5 | 4 | 0 | 5 | 5 |
| Disciplinas com mais faltas | Matemática (Mat) | Mat | Fisico-Quimica | Português | Mat | Mat | Mat |
| Nº de elementos do Agregado Familiar | 3 | 5 | 5 | 8 | 3 | 4 | 8 |
| Tipo de família (info de Estágio) | Multiproblemática | Multiproblemática | Multiproblemática | Multiproblemática | Multiproblemática | Multiproblemática | Multiproblemática |

c) Caracterização dos Diretores de Turma

Os DT que fazem parte da amostra dizem respeito às turmas em que estão inseridos os alunos em estudo, sendo três mulheres e um homem.

Quadro III – Caracterização dos DT

| Turma | CEF | 9ºano | 7ºano | Vocacional |
|------------------------|---|-------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|
| Anos de serviço | 21 | 20 | 25 | 14 |
| Grau académico | Licenciatura | Licenciatura | Licenciatura | Mestrado |
| Área de Formação | Informática, Linguagem de Programação | Educação Física e Desporto | Línguas e literaturas Modernas | Educação Física e Desporto |
| Experiência como DT | 18 anos | 10 anos | 16 anos | 2 anos |
| Idade | 47 | 41 | 51 | 39 |

Como podemos observar nestes quadros (I, II e III), as famílias participantes neste estudo são de níveis socioeconómicos baixos, com poucas habilitações ou nenhuma o que segundo os autores referidos no enquadramento teórico (Abreu, 2011; Gonçalves, 2006; Martins, 2007; Tavares, 2006) se torna num factor condicionante para o percurso escolar dos filhos e até mesmo nas suas escolhas futuras.

Também as reprovações sucessivas aparecem neste estudo como um factor que favorece o insucesso e absentismo escolar (*in* Tavares, 2006). Muitos destes jovens perderam a vontade de querer estudar porque já se encontram na Escola há mais tempo do que o normal, vendo passar por eles os seus colegas da mesma idade, tal é claramente o caso dos alunos Z7A e DVOC.

Quanto ao tipo de família participante neste estudo, as abordagens às famílias multiproblemáticas tomam novamente relevo, uma vez que estas famílias como refere Sousa (2005) têm características como o baixo poder económico, no limiar da pobreza, revelando também dificuldades em gerir aspectos emocionais. Sobre estas famílias é importante referir também uma das categorias designadas por Sousa et al. (2007 *cit in*

Abreu, 2011), as famílias com características disfuncionais em termos da organização estrutural do sistema familiar. Estas características puderam ser observadas ao longo do estágio curricular sendo que não existem regras nem uma hierarquia de poder levando a que todos os jovens em estudo tenham atitudes menos positivas face à escola, como é o caso da indisciplina e da falta de assiduidade:

“RCEF: Mas a minha mãe liga-me e tudo para eu vir só que eu não venho.”;

“EE: Se ele não gosta da Escola o que é que eu vou fazer? Não posso fazer nada.”

Sendo alguns destes alunos (eg. P9D;T9D;S7A;Z7A) provenientes de famílias numerosas e com níveis socioeconómicos baixos, as expectativas de futuro destes jovens revelam-se pouco ambiciosas assim como revela Gonçalves (2006) um estudo em que os resultados apontam que os rapazes provenientes de famílias numerosas (mais de quatro filhos) tendem a ter expectativas de formação mais baixas e profissões de baixo estatuto social. Esta baixa expectativa leva a que estes jovens se sintam desmotivados para estudar e alcançar objectivos mais ambiciosos:

“ZVOC: Não tenho essa ambição. Tem muitas responsabilidades”;

“P9D: Já não é a mesma coisa do que antes. Antes ainda pensava se queres ser aquilo tens que fazer por isso”;

“DVOC: A minha mãe diz que com estas faltas nem vou conseguir passar quanto mais tirar um curso de cabeleireira mas pronto.”

Relativamente à assiduidade, os alunos encontram-se todos em absentismo escolar pois atingiram todos mais do que o limite de faltas e segundo Encarnación (2009) estes alunos encontram-se em absentismo elevado com mais de 50% de faltas.

A indisciplina é aqui retratada pelas faltas disciplinares que os alunos com absentismo escolar apresentam sendo que para Ceia e Vasconcelos (2011;2013) a indisciplina e outros factores são provenientes de um clima de desconforto e resistência à mudança mas também para Correia (2011) a indisciplina é traduzida no insucesso escolar. Os jovens em estudo revelam assim problemas de comportamento em sala de aula:

“DT: (...) eles conseguem dar cabo de uma aula em três tempos”;

“DT: (...) têm comentários e formas de estar que não sei se provavelmente vêm de casa mas completamente despropositados mas que acham que têm razão”

“DT: (...) eles são muito brincalhões, são infantis e o aproveitamento deles tem descido de tal maneira (...)”

Como podemos ver no quadro a seguir acerca da análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos DT os problemas de comportamento na turma são realçados pelos DT (com uma frequência de 13 citações, nomeadamente as referências a mau comportamento, falta de educação e muitas faltas disciplinares).

Quadro IV – Apreciação das turmas por parte dos DT

| Turma (Apreciação dos DT) | | |
|---|------------|----------------------|
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Mau comportamento | 5 | |
| Não gostam da professora de Matemática | 5 | |
| Falta de educação | 4 | |
| Muitas faltas disciplinares | 4 | |
| Falta de motivação | 3 | |
| Falta de responsabilidade | 3 | |
| Falta de aproveitamento | 2 | |
| Habitados a ter negativas | 2 | |
| Infantis | 2 | |
| Poder de grupo | 2 | |
| Não têm relação próxima com o professor | 1 | |
| | 3 | Relação boa com o DT |

Neste quadro também podemos observar que as turmas dos alunos que fizeram parte deste estudo não gostam da professora de Matemática, o que cruzando com os dados do Quadro II nos diz que a disciplina de Matemática é a que tem mais faltas. Desta forma, podemos concluir que estes jovens optam por faltar às disciplinas nas quais não gostam dos professores, como é o caso da disciplina de Matemática:

“ZVOC: Porque ela por tudo e por nada está sempre a mandar vir”;

“RCEF: Prefiro não ir para não ter falta disciplinar”;

“DVOC: É a de Matemática. Ninguém gosta dela. Ela é muito má, manda logo para a rua. Manda quase a turma toda.”

Ainda sobre a professora de Matemática alguns DT referem:

“DT: no início do ano que queriam colocar a professora de matemática fora da escola, que queriam fazer um abaixo-assinado para a mandar embora.”

“DT: a professora de Matemática já tenho dito a vários colegas que ela é que está certa, a postura dela é a correta.”

“DT: (...) é a Matemática porque a professora é que implica, porque não gosta deles, porque tem preferidos, porque quando chegam a porta está fechada (...)”

No quadro V seguem-se as apreciações dos DT dos alunos com absentismo escolar, também estas características mencionadas por alguns autores no que diz respeito ao insucesso e absentismo escolar.

Quadro V – Apreciação dos alunos por parte dos DT

| Alunos em situação de absentismo (Apreciação dos DT) | | |
|---|-------------------|--|
| Características individuais/comportamentais | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Desinteressados | 10 | |
| Conflituosos | 6 | |
| Problemas de assiduidade | 6 | |
| Desmotivados | 4 | |
| Esperam os 18 anos para sair da Escola | 3 | |
| Falta de responsabilidade | 3 | |
| Mentir aos pais sobre o horário | 2 | |
| Acham que não precisam de estudar | 1 | |
| Falsificar assinatura da mãe para justificar falta | 1 | |
| Não vão às aulas da DT | 1 | |
| | 1 | Imensas capacidades |
| Características socio-ambientais | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| São repetentes | 8 | |
| Não têm expectativas de Futuro | 5 | |
| Muitas faltas disciplinares | 3 | |
| Vivem num meio pobre | 3 | |
| | 2 | Têm faltado menos |
| | 2 | Começar bem o ano |
| | 2 | Consciência de que o Tribunal pode atuar |

Estes alunos revelam comportamentos desadequados perante a Escola sendo que como refere Formosinho (1987 *cit in* Correia, 2011) esses comportamentos condicionam o sucesso escolar, como o uso da linguagem e as atitudes da mesma face

ao saber e à escola observados durante o estágio curricular, como por exemplo, o deixar de estar nas aulas para ficar a jogar com os amigos.

Gonçalves (2006) refere o contexto socioeconómico dos indivíduos no que diz respeito às expectativas de futuro, o mesmo se pode ver nos jovens da amostra deste projecto. No que diz respeito ao abandono escolar precoce, como referem os DT, alguns destes alunos esperam atingir os 18 anos para poderem sair da escola e entrar no mercado de trabalho.

Assim, Guerreiro & Abrantes (2007) menciona inquéritos recentes realizados em Portugal que, mostram que: 40% dos jovens entra ainda no mercado de trabalho no escalão etário dos 15-17 anos, sem possuir quaisquer qualificações (inquérito realizado por Alves, 1998) como é o caso do aluno RCEF com 17 anos que diz que vai sair da escolar para ir trabalhar:

“RCEF: Vou com um colega meu trabalhar para o hospital”

e cerca de metade dos jovens entre os 17 e os 24 anos têm o trabalho como meio de subsistência (inquérito realizado por Garcia et al, 2000), como é o caso de um aluno que responde:

“Entrevistador: E o que é que tu queres para o futuro?”

DVOC: Trabalho.”

Importa ainda referir que o sucesso escolar destes alunos dependerá de vários factores, como podemos ver no desenvolvimento do enquadramento teórico. Tavares (2006) refere também três implicações para o insucesso escolar, são elas:

- 1) O abandono da escola precoce, sendo que nos foi transmitido pelas técnicas do GAAF que a aluna Z7A quer abandonar a escola ir aprender as técnicas de Cabeleireiro com o Tio;
- 2) As reprovações sucessivas (os alunos em estudo têm em média 2 reprovações);
- 3) Passagem para um nível de ensino menos exigente que por sua vez os afasta do nível de ensino superior, pelo que durante as actividades elaboradas com os jovens no contexto do estágio nos apercebemos que os jovens pretendem frequentar cursos específicos na área de preferência para entrarem posteriormente no mercado de trabalho com uma qualificação profissionalizante.

Como podemos observar na análise de conteúdo, estes alunos enquadraram-se nas referências de Tavares (2006), pelo que não é perspectivado por nós nenhum futuro positivo relativamente ao sucesso escolar e assiduidade para estes jovens.

4.3. A Família

Relativamente às famílias dos jovens participantes no estudo, podemos fazer a revisão através das entrevistas feitas aos DT e aos alunos. Sendo a família tanto para os alunos como para os DT muito mencionada quando nos referimos ao percurso escolar do aluno. Neste sentido, notamos que a família desenvolve um importante papel na problemática do absentismo no sentido em que por um lado é através da família que os DT têm um melhor conhecimento sobre a realidade psicossocial do aluno e por outro lado os jovens vêm na família o seu refúgio e o exemplo a seguir.

González (2005) menciona que as boas relações entre a escola e a família se reflectem nas aprendizagens dos alunos, aumentando assim o seu rendimento escolar. Apesar dos esforços conjuntos entre os professores e os técnicos pedagógicos, estas famílias efectivamente não constroem uma relação com a escola:

“DT: Como directora de turma não tenho grande receptividade relativamente aos pais”;

“DT: há alguns que eu ainda nem consegui falar com os pais uma única vez, nem os conheço”;

“EE: a culpa também é da Escola porque se quando eles estivessem a faltar, fossem lá falar com eles para irem para as aulas eles já não faltavam”;

“EE: não tenho tempo para vir às actividades da escola mas também é sempre a mesma palhaçada, não gosto de vir às reuniões por causa disso, é muita confusão”

Nos inquéritos realizados aos EE, todos os EE revelam ter conhecimento das actividades propostas pela Escola mas nenhum deles refere que tenha participado nelas.

Quando realizamos a visita domiciliária a casa de uma das EE deparamo-nos com uma realidade diferente da que esperávamos alcançar. A EE dizia não saber das faltas do seu educando, mencionando até que a filha lhe mentira quanto ao horário. Após nos depararmos com estes factos apelamos à presença da EE numa reunião com a DT tendo havido aceitação e comparência por parte da mesma. Na mencionada reunião, a mãe

demonstrou-se desintegrada do percurso escolar da filha, dizendo sempre que iria contar a situação ao seu marido para ele resolver a situação.

Com esta atitude podemos compreender que existe claramente uma falta de comprometimento por parte da mãe nos comportamentos da filha. A EE mencionou ainda que não teve oportunidade de prosseguir com os seus estudos por falta de recursos económicos mostrando a sua desmotivação pela Escola que, por sua vez, é repercutida na sua filha. Esta é uma realidade referida por Gonçalves (2006), Abreu (2011) e Cecconello, Antoni e Koller (2003 *cit in* Gonçalves, 2013), pelo que este último refere características centrais nas relações familiares, como a reciprocidade, em que os elementos se influenciam uns aos outros e o equilíbrio do poder, de forma razoável para promover o desenvolvimento da autonomia.

Neste sentido, abaixo apresentamos a análise de conteúdo retirada sobre as mesmas nos quadros VI que mostra claramente este desinvestimento familiar na escola por parte dos EE destes alunos em situação de absentismo escolar.

Quadro VI – Apreciação das famílias por parte dos DT

| Família | | |
|--|-------------------|---|
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Não vêm às reuniões | 8 | |
| Falta de actuação firme | 5 | |
| Não se mostram preocupados | 4 | |
| Não conhecem os pais | 3 | |
| Atribuem o problema das faltas à Escola | 2 | |
| Desestruturadas | 2 | |
| Desligam telefone na cara | 2 | |
| Não assinam documentos | 2 | |
| Não conseguem dar resposta aos problemas | 2 | |
| Pouca receptividade | 2 | |
| Não conseguem contactar com | 1 | |
| Não têm receio da sinalização à CPCJ | 1 | |
| | 2 | Receio da sinalização à CPCJ |
| | 3 | Vêm no horário de atendimento/quando solicitado |
| | 6 | Preocupação com as faltas de assiduidade |

Após a análise de conteúdo notamos que a família é vista pelos DT como um vínculo com que devem trabalhar tendo em conta que, nas suas perspectivas, são os pais que devem mudar as atitudes dos alunos bem como mostrar interesse pelo percurso dos seus filhos. Apesar dos esforços elaborados pelos DT para apelar à participação dos EE na Escola, efectivamente, a presença dos EE é maioritariamente esporádica e quando solicitada. Os DT mencionam que muitos dos pais não comparecem nas reuniões nem se mostram preocupados e alguns ainda nem os conhecem. Desta forma, existem documentos que não estão assinados pelos EE, por falta de comparência às reuniões solicitadas o que nos leva a reflectir que os Pais não estão interessados no percurso escolar dos seus filhos passando assim o sentimento de desinteresse para os filhos.

Os DT referem ainda que os alunos com absentismo escolar são desestruturadas, motivo pelo qual o reforço positivo para os estudos seja quase negado, uma vez que não vêm a escola como o futuro para os filhos mas sim como uma obrigação. O que não podemos verificar com a interpretação das respostas dadas nos inquéritos por questionário dirigidos aos EE, uma vez que os mesmos consideram a escola importante para o futuro dos filhos (cf. Quadro VII), na medida em que lhes proporcionará um melhor emprego. Estamos aqui perante duas opiniões díspares quanto à relevância que dão à escola para os filhos. Temos por um lado os DT que dizem que estes pais não dão valor aos estudos e por outro lado, os mesmos pais vêm a escola como útil para s seus filhos.

Quadro VII – Relação dos EE com a Escola (dados dos inquéritos)

| Código EE | EE1 | EE2 | EE3 | EE4 | EE5 | EE6 |
|---|------------|------------------|------------------|---------|------------------|------------|
| Conhecimento de que o filho falta | Pelo DT | Pelo DT | Pelo DT | Não tem | Pelo DT e filho | Pelo DT |
| Participação nas actividades da Escola | Não | Não | Não | Não | Não | Não |
| Como considera a importância da Escola para os filhos | Importante | Muito Importante | Muito Importante | Imp. | Muito Importante | Importante |

A Família, sendo lugar primeiro de socialização como foi referido na parte teórica deste trabalho, surge como elemento marcante nos discursos dos alunos, quer pela positiva, quer pela negativa.

Quadro VIII – Apreciação da Família por parte dos alunos

| Família - geral | | |
|---|-------------------|--|
| Negativo | Frequência | Positivo |
| | 6 | Ajudar a mãe |
| Estão sempre a reclamar das faltas | 4 | |
| | 2 | Relação boa |
| | 6 | Seguir o exemplo de familiares para a escolha de profissão |
| Família - particular | | |
| Mãe | 33 | |
| Pai | 16 | |
| Irmão | 10 | |
| Tio | 6 | |
| Família – particular/relacionamento – MÃE | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Mentir à mãe | 3 | |
| | 10 | Ajudar a mãe |
| Pedir autorização para sair da Escola quando quiser | 2 | |
| | 3 | Relação boa |
| | 1 | Respeitar a mãe |
| | 5 | Conhecimento das faltas |
| | 2 | Dizer para ir às aulas |
| | 1 | Trabalhar |
| | 1 | Medo que as AS a retirem da mãe |
| | 2 | Ir à Escola falar com DT |
| Não diz nada sobre as faltas | 1 | |
| | 2 | Fazer penteados à mãe |
| Família – particular/relacionamento - PAI | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Esteve preso | 1 | |
| | 2 | Cozinha bem |
| Não está em casa | 4 | |
| | 1 | Ser pai |
| | 3 | Aprender com |
| Sempre a reclamar | 4 | |
| | 1 | Passar a ferro a roupa do pai |
| Família – particular/relacionamento – IRMÃO | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| | 3 | Falar com |
| | 4 | Seguir exemplo |
| Dividir quarto com | 1 | |
| | 2 | Ir para a Escola de |
| Família – particular/relacionamento – TIO | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| | 3 | Seguir exemplo de profissão |
| | 2 | Ter um negócio |
| | 1 | Dar aulas |

Segalen (1999) sobre este assunto refere que os pais apesar de quererem mostrar aos filhos uma imagem positiva dos estudos e para os prosseguirem, quer os pais, quer os filhos estão de acordo no querer a entrada para o mercado de trabalho para ganhar dinheiro o mais depressa possível uma vez que estão perante uma sociedade com problemas de desemprego. De facto ambos querem a entrada dos filhos para a vida ativa mas estão obrigados pelo sistema de ensino a frequentarem a escola, pelo menos até completarem o 12ºano ou atingirem os 18 anos. Acerca desta obrigação, as famílias em estudo têm bem presente as consequências da quebra dos seus deveres, nomeadamente, o de assegurarem a assiduidade dos seus educandos, como é o caso de uma das EE que pede sempre à DT e técnicas do GAAF para não sinalizarem os filhos para a CPCJ pois tem medo de ficar sem eles.

Todas estas famílias já foram alertadas pelas técnicas do GAAF e pelos DT de que podem ser sinalizadas para a CPCJ por incumprimento dos seus deveres enquanto educadores e enquanto alunos. No entanto, as opiniões que têm sobre essa sinalização são diferentes. Pais há que, pelo menos, tentam a presença dos seus filhos nas aulas, chamando-os a atenção para o facto de que podem ser sinalizados e que podem ficar sem eles. Outros, entendem que a sinalização não muda nada e que quem tem o direito sobre os filhos são os próprios pais e não a Escola/CPCJ. Esta diversidade de opiniões é transmitida aos filhos fazendo com que as suas atitudes face à escola transmitam aquilo que é representado em contexto familiar, como é o caso da EE mãe do aluno Z7A, sendo que a aluna nos diz:

“Z7A: Então ela não vai dizer nada. Senão gosto não é? Não me vai obrigar”

“EE: era o que faltava se as Assistentes Sociais me vinham tirar os filhos...por acaso.”

As referências à família por parte destes alunos, são maioritariamente à figura da Mãe (frequência de 33); o Pai é visto a fazer as tarefas domésticas o que contraria a perspectiva de Gonçalves (2006) que aponta as questões de género em que a mãe é vista para os trabalhos domésticos e o Pai para o trabalho por conta de outrem. Sendo que nos foi transmitido pelos DT que a figura paterna destes alunos estão ou no desemprego ou a trabalhar fora do país. O mesmo autor aponta ainda que os pais têm uma grande influência nas escolhas futuras dos filhos, como podemos ver no quadro VII, os elementos que constituem a família destes jovens são vistos como “um exemplo a seguir” no que diz respeito às profissões que vão escolher futuramente:

“P9D: Eu sempre gostei mas comecei a querer mesmo depois de ver os pratos que ele fazia”

“ZVOC: (...) Porque a minha tia era estilista (...)”

No estudo realizado por Pappamikail, a autora concluiu que os filhos atribuem aos Pais uma rede de apoio com que podem contar para o que precisam quer a nível afectivo, quer a nível material (sempre de acordo com as suas possibilidades). Neste sentido, estes jovens revelam contar com o apoio dos Pais, contudo esse apoio não se traduz de modo claro para o sucesso escolar mas para conseguir outras coisas, nomeadamente e além do alojamento e vida familiares, bens materiais, pedir a assinatura dos Pais para autorizarem a saída da Escola quando quiserem, etc.

Ainda sobre este tema, apresentamos em seguida um quadro acerca da visão de futuro dos alunos que participaram no estudo, fazendo referência às profissões que querem exercer e das expectativas que têm quanto ao futuro. É importante aqui referir que, como já mencionamos anteriormente com a apresentação do quadro V os alunos não demonstram qualquer expectativa quanto ao futuro, vivendo um dia de cada vez (conclusão retirada pelos DT entrevistados) sendo isto contrariado após as entrevistas realizadas junto dos alunos.

Aquilo que podemos observar durante o Estágio Curricular é que, na verdade, os comportamentos dos alunos levam as pessoas a acreditar que estes não têm expectativas quanto ao Futuro, no entanto, estes alunos revelam ter expectativas mas quando interrogados por tal. Ou seja, as atitudes deles não vão de encontro com as expectativas que têm porque não as esperam, no nosso entender, para um futuro próximo. Efectivamente, as noções de trabalho e profissão estão inscritas nestes alunos mas não são pensadas diariamente, de forma a terem atitudes para concretizar as suas expectativas.

Como já referimos anteriormente, as escolhas destes jovens são condicionadas pela família. Assim, Gonçalves (2006) refere a família como meio de socialização transmite saberes que serão evidenciados no Futuro, pelo que os Pais devem encorajar os filhos para se evidenciarem no mundo de trabalho apelando ao sentido de ambição dos seus filhos.

Quadro IX – Apreciação sobre o futuro por parte dos alunos

| FUTURO | | |
|--|------------|--|
| Profissão | Frequência | |
| Cabeleireira | 3 | |
| Bombeiro | 1 | |
| Cozinheiro | 3 | |
| Expetativas | | |
| Seguir o exemplo de familiares para a escolha de profissão | 6 | |
| Conseguir Trabalho | 5 | |
| Frequentar um Curso Profissional | 7 | |
| Estudar até ao 12ºano | 2 | |
| Ir para a Faculdade | 1 | |

Relativamente à escolha por um curso profissional, esta opção ocorre depois de um descrédito e de consecutivas reprovações dos alunos, sendo o curso profissional utilizado como um meio para conseguir finalizar os estudos. Guerreiro & Abrantes (2007) referem que os cursos profissionais são uma ocupação para os jovens desadaptados do ensino formal (quase sempre provenientes dos meios desfavorecidos), o que o estudo aqui feito parece confirmar.

Saavedra (2001 *cit in* Correia, 2011) menciona ainda que os cursos profissionais criam desigualdades entre os alunos. Estas desigualdades são vistas neste estudo como inegáveis, uma vez que se têm que lidar com os problemas de absentismo. De certa forma, os cursos profissionais também criam oportunidades, no sentido em que quando escolhidos por opção dos alunos faz com que se sintam motivados para o estudo e para a Escola. Estas são estratégias utilizadas para atenuar os problemas com que a comunidade docente e pedagógica se depara.

Durante o período de estágio curricular levamos a cabo um conjunto de actividades realizadas com os jovens. Para a elaboração destas actividades, a estagiária fez uma revisão teórica e pesquisa de actividades didácticas para desenvolver com os jovens. Nesta escola, onde os jovens participantes no estudo realizado pela estagiária fazem parte, os alunos contam com diversas ofertas de formação recorrente embora não estejam de acordo com as preferências de alguns deles.

Com o objectivo de tornar estes jovens mais capazes de decidir o seu futuro e de educar para a procura de formação e emprego, a estagiária orientou uma sessão de pesquisa com 4 alunos na biblioteca da referida escola. Nesta sessão com duração de 45 minutos, os jovens puderam pesquisar formação da sua área de preferência, explorar o *site* do Instituto de Emprego e Formação Profissional, nomeadamente nas ofertas de formação e de emprego. No final, os jovens retiraram as anotações necessárias acerca das suas escolhas para serem utilizadas futuramente. Mostraram-se bastante interessados nas propostas visualizadas e sobretudo empolgados por conseguirem encontrar uma oferta a seu gosto. As preferências procuradas pelos jovens passam por Restauração e Cozinha, Cabeleireiro e Estética e Bombeiros.

A estagiária desenvolveu ainda uma sessão com os jovens que consiste na apresentação de uma história de vida real em pessoa. Para esta sessão, a estagiária, contactou com dois indivíduos das áreas de cosmética e de informática para apresentarem o seu percurso de formação e de emprego aos alunos com absentismo escolar. Devido a questões laborais, apenas foi possível uma apresentação que incidiu na área de cosmética, apresentada a 4 dos 8 alunos em estudo. No final da apresentação, foi proposto aos alunos que expusessem as suas dúvidas e comentários acerca do que tinham assistido. Os alunos revelaram interesse pelas questões trabalhadas, desenvolvendo um espírito crítico acerca daquilo que foi o seu percurso escolar até então. Mostraram-se também interessados na própria mudança enquanto alunos absentistas, evidenciando-se aqui a sua determinação em melhorar a sua situação.

A aprendizagem por jovens acerca da gestão do dinheiro constitui uma precaução para a vida futura destes jovens, tornando-os mais capazes de gerir a sua economia. Assim, a estagiária propôs aos jovens o visionamento de alguns vídeos do Programa Gerir&Poupar, dinamizando com eles as actividades enquadrados nos vídeos, terminando com realização do *Curriculum Vitae* seguido de um debate sobre as questões identificadas nas apresentações. Quando terminada esta actividade, os alunos revelaram um melhor conhecimento sobre a aprendizagem de gerir e poupar dinheiro assim como da importância da realização de um bom *Curriculum Vitae* para se procurar emprego. Partilharam também a sua opinião positiva acerca das dinâmicas organizadas pela estagiária ao longo do período.

Com estas actividades realizadas com os alunos durante o estágio curricular, podemos obter alguns resultados quanto ao entendimento da desmotivação pela Escola e falta de assiduidade. Apesar de já terem sido realizadas no terceiro período, conseguimos com que estes jovens parassem para pensar no que estavam a fazer e daí decidir mudar, ou não, os seus comportamentos. Os jovens que participaram nas actividades, e após estas, começaram a frequentar as aulas de novo, mesmo sabendo alguns deles que já não conseguiam terminar o ano com sucesso. Desta forma, sentiram-se motivados a mudar de atitudes no futuro de acordo com objectivos traçados pelos próprios.

A entrada no mercado de trabalho é para estes jovens um objectivo a alcançar, pelo que incentivamos os jovens a procurar formação e/ou emprego numa área que gostassem. Com esta abordagem conseguimos despertar a motivação para alcançarem as suas perspectivas futuras encorajando-os a realizar os seus desejos e desta forma mudar as atitudes tidas até então. Também a actividade em que lhes propusemos ouvir uma história verídica exposta pelo próprio teve efeitos muito positivos pois os alunos começaram a pensar no seu percurso até então, e concluíram que nada tinham conseguido. Mais uma vez, os jovens mostraram-se predispostos para a mudança.

4.4. Escola e estratégias de intervenção

No que diz respeito à instituição escolar, todos os alunos que fazem parte deste estudo não gostam da Escola. No Quadro X apresentamos a apreciação que estes alunos têm sobre a Escola com o intuito de compreender a problemática do Absentismo Escolar.

Quadro X – Apreciação da Escola por parte dos alunos

| ESCOLA | | |
|----------------------------|------------|--------------------------|
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Não gostar | 11 | |
| Não é igual às outras | 1 | |
| Não gostar do curso | 2 | |
| Não gostar dos professores | 7 | |
| Não gostar das pessoas | 2 | |
| Aulas são uma seca | 5 | |
| | 1 | Ajudam muito |
| | 1 | Intervalos |
| | 6 | Importante para o futuro |
| Mudar de Escola | 5 | |

De facto estes alunos, não têm uma apreciação positiva da Escola. Sobre este tema, Martins (2007) refere a influência da família para a apreciação e motivação pela Escola, sendo que os Pais descredibilizam a Escola junto dos filhos quando, por exemplo, não participam nas reuniões da Escola. Assim, as atitudes por parte dos Pais são evidenciadas nos comportamentos e atitudes que os alunos têm face à Escola. Concluímos desta forma que os Pais também têm um papel fundamental para mudar as atitudes dos filhos não só quanto à escola mas também quanto à assiduidade dos mesmos.

Para além disso, Abreu (2011) menciona que a importância (ou a falta dela) que as famílias dão à Escola enquanto meio de transmissão de conhecimento poderá ser um elemento mediador e de influência da motivação dos jovens para estudar.

Estes alunos atribuem também a desmotivação e a falta de assiduidade aos professores e à preferência de disciplinas como podemos verificar no quadro abaixo.

Quadro XI – Apreciação dos professores e disciplinas por parte dos alunos

| PROFESSORES | | |
|--|-------------------|--------------------|
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Não gostam de alguns | 7 | |
| São resmungões | 2 | |
| Não gostam da professora de Matemática | 7 | |
| | 1 | Não são maus |
| DISCIPLINAS | | |
| Gostam menos | Frequência | Gostam mais |
| Matemática | 4 | |
| Português | 2 | |
| Francês | 1 1 | Francês |
| Inglês | 2 | |
| Educação Física | 1 4 | Educação Física |
| | 3 | Físico-química |

Novamente aqui podemos ver que a disciplina de Matemática se torna a menos apelativa por causa da professora que a lecciona. Alguns dos alunos em estudo dizem mesmo que preferem não estar presentes na aula do que estar e vir embora com falta disciplinar.

No que diz respeito ao combate ao absentismo por parte da Escola e dos professores, apesar das muitas estratégias utilizadas, ambos vêm-se esgotados pela falta de resultados. No quadro que a seguir apresentamos, expomos as estratégias utilizadas.

Quadro XII – Estratégias utilizadas pelos professores e pela Escola para o combate ao Absentismo

| COMBATE ao ABSENTISMO - ESTRATÉGIAS UTILIZADAS | |
|---|-------------------|
| Pelos Professores | Frequência |
| Falar com os alunos | 3 |
| Promoção de atividades | 1 |
| Ver filmes | 1 |
| Visitas de estudo | 1 |
| Pela Escola | Frequência |
| Criação do GAAF | 4 |
| Criação do Desporto Escolar | 2 |
| Ligar aos pais na hora do jantar | 1 |

Após a recolha de dados para este estudo podemos observar que as estratégias utilizadas não são eficazes a longo prazo e motivo disso é a pouca participação dos Pais nestas estratégias. Como vários autores referem, um relacionamento mais próximo com a Escola proporciona uma troca de experiências para ambos, sobretudo benefícios para os alunos a nível cognitivo, afetivo, social e da personalidade (Polonia & Dessen, 2005; Abreu, 2011; Gonçalves, 2006).

4.5. Assiduidade

O grande prolema encontrado nestes alunos é efectivamente, a assiduidade motivo também pelo qual a razão da escolha desta amostra de participantes. O Absentismo constitui aqui o foco da realização do estudo. Sobre esta problemática, como já referimos anteriormente, muitas são as estratégias de resolução de problemas. Contudo, optamos por intervir junto dos alunos para conhecer a sua percepção acerca desta realidade integrando um novo tema: o futuro. É importante perceber os motivos que levam estes jovens a faltar e desta forma compreender um pouco desta problemática. O quadro XIII referencia esses motivos bem como o contexto em que estão e o que fazem quando estão a faltar.

Quadro XIII – Apreciação acerca da Assiduidade por parte dos alunos

| Faltas | |
|-------------------------------|-------------------|
| Motivo | Frequência |
| P/Não gostar das aulas | 7 |
| P/Não gostar da Escola | 5 |
| P/Desinteresse pela matéria | 7 |
| Chegar atrasado | 7 |
| Aulas são uma seca | 7 |
| P/Receio da Falta disciplinar | 4 |
| Contexto | Frequência |
| Faltar acompanhado | 5 |
| Faltar sozinho | 2 |
| Atividades | Frequência |
| Ficar em casa | 4 |
| Ficar na Escola | 3 |
| Jogar | 4 |

Com a interpretação deste quadro podemos observar que os alunos atribuem o desinteresse pela Escola e por tudo o que está aí implícito à falta de assiduidade. Esta interpretação é notória em todo o enquadramento teórico deste projecto. Como já referimos, alguns alunos optam por faltar à disciplina de Matemática para não terem uma falta disciplinar, o que também é notório nos motivos apresentados pelos alunos para a falta de assiduidade.

Aqui o grupo de pares exerce também influência uma vez que na maioria das vezes os alunos faltam acompanhados. Saez (2005) refere-nos a importância do grupo de pares nas escolhas do indivíduo, uma vez que as influências dos pares podem prejudicar o comportamento do aluno não só no que diz respeito à indisciplina mas também à assiduidade, relacionando-as também com a falta de motivação do próprio aluno para a presença na aula.

Relativamente aquilo que fazem quando faltam, a sua maioria tende a ficar em casa o que podemos relacionar com a falta de actuação firme por parte dos Pais para fazerem com que os filhos assistam às aulas, sendo que há casos em que os pais estão em casa e outros em que os pais estão a trabalhar.

Após a análise de conteúdo das entrevistas, notamos que os motivos apresentados para este estudo pelos alunos não são semelhantes aos motivos apresentados pelos alunos aos DT. Vejamos o quadro seguinte.

Quadro XIV – Apreciação da Assiduidade por parte dos DT

| FALTAS | |
|--------------------------------|-------------------|
| Motivo | Frequência |
| Doença | 4 |
| Não apresentam justificações | 4 |
| Adormecer | 3 |
| Conhecimento das faltas | Frequência |
| Sistema Informático | 4 |
| Conversa entre professores | 2 |

Para a explicação desta diferença, aludimos ao facto de que estes motivos são relativos às faltas justificadas ou apresentadas aos DT. Podemos concluir que os alunos não consideram as faltas justificadas para os motivos pela falta de assiduidade, pelo que não contabilizam essas faltas pensando que não interferem na sua situação escolar. Isto leva-nos também a pensar que os alunos têm consciência de que quando estão a faltar, sabem das consequências dos seus actos e preferem não dar importância a isso.

Dada a importância desta problemática, os DT nas reuniões de Pais optam por abordar temas relacionados com o Absentismo para que os Pais sejam conhecedores dos problemas existentes na turma. O quadro XV menciona os temas abordados pelos DT nas reuniões de turma com os EE.

Quadro XV – Temas abordados nas reuniões pelos DT

| REUNIÕES | |
|------------------------|-------------------|
| Temas abordados | Frequência |
| Faltas de Assiduidade | 4 |
| Faltas disciplinares | 4 |
| Comportamento | 3 |

Apesar da evidência da falta de assiduidade e da indisciplina, como já referido anteriormente, os Pais não comparecem nas reuniões pelo que não surge qualquer efeito directo abordar estes temas na reunião. Contudo, enquanto problema de turma, tem que ser falado em reunião estando ou não presentes os EE a quem diz respeito essas informações.

Considerações Finais

O presente estudo tem o seu foco no absentismo escolar, particularmente nas temáticas da Escola, Família e as perspectivas de futuro dos jovens. Como tal, aplicamos duas metodologias: a quantitativa e a qualitativa com o principal objectivo de recolher dados relacionados com o Absentismo Escolar, nomeadamente, a caracterização socioeconómica das famílias, dos alunos e respectivas turmas, a apreciação por parte dos alunos, DT e EE acerca dos problemas de assiduidade e as perspectivas de futuro destes jovens relacionando-as com a influência que a família, enquanto meio de socialização, exerce sobre os jovens nas suas escolhas.

Na análise dos resultados obtidos, podemos concluir que de facto a família desempenha um papel muito importante no que diz respeito ao desempenho e comportamento dos seus filhos na Escola, assim como nas escolhas futuras destes jovens. A família torna-se desta forma um foco crucial para se minimizar o absentismo escolar e permitir o sucesso escolar destes alunos. Assim, pais e professores devem agir de forma conjunta de forma não só a promover uma boa relação entre eles como também para promover a importância da escola junto dos jovens.

Podemos ainda retirar da discussão de resultado a desmotivação por parte dos alunos face à escola. Esta desmotivação tornou-se evidente ao longo de todas as actividades realizadas no âmbito do estágio curricular, contudo podemos observar algumas mudanças no que diz respeito a esta motivação. Os jovens que fizeram parte do estudo, apesar de 3 deles não terem participado nas actividades por falta de comparência, não mudaram completamente de opinião e consequente atitude face à escola mas conseguiram reflectir sobre as implicações que a Escola tem no seu Futuro e aí se notou a diferença.

Como já referimos na discussão dos resultados, apesar destas actividades serem realizadas já no terceiro período, existiram na mesma algumas mudanças, nomeadamente, a participação nas aulas e o discurso sobre a Escola. Assim, concluímos que o nosso estudo provocou impacto nestes jovens e também na Escola, uma vez que conseguimos resultados que até então a Escola não tinha conseguido. Conseguimos também provocar mudanças nos EE, tendo em conta que fizemos com que uma das EE comparecesse na Escola pela primeira vez, através de uma conversa no domicílio da EE.

Todo o trabalho social elaborado junto destes jovens e destas famílias não se construiu em vão. Inclusive os próprios DT agradeceram a implementação do estudo que derivaram algumas mudanças. Apesar do objectivo principal deste estudo não ser o provocar mudanças na comunidade mas sim obter dados que expliquem a temática desenvolvida, efectivamente serve-nos de consolo ver que somos úteis para a comunidade e que conseguimos criar o *empowerment* nestas pessoas.

Através deste estudo fizemos com os participantes parassem para pensar na sua vida e naquilo que andam a fazer, para reflectir sobre os seus comportamentos. Com esta metodologia obtemos resultados o que nos faz ponderar sobre os métodos pedagógicos utilizados para combater o absentismo escolar por parte da Escola. Apesar de já se demonstrarem esgotados os procedimentos para gerir com esta situação, apelamos ao corpo docente e pedagógico para intervir juntos destes alunos estando de ouvidos abertos, porque efectivamente devemos antes de mais nada perceber o que pensam estes jovens sobre esta problemática e sobre eles próprios para saber como intervir, embora saibamos que muitos dos jovens descredibilizam estas intervenções por se tratar de elementos já conhecidos e dentro da comunidade escolar.

Ao longo do estudo podemos observar que as Técnicas usam o medo da sinalização à CPCJ para conseguir que os jovens compareçam nas aulas. Este método efectivamente traz alguns resultados. Mas a pergunta que se põe é: a que custo? Os jovens devem ir às aulas pelo medo da sinalização, ou por considerarem as aulas importantes e estarem motivados para permanecer nelas? Parece-nos que algumas questões pertinentes se levantam quanto às estratégias utilizadas pela Escola, podendo este estudo permitir reflectir e dar resposta a algumas delas.

Também através da discussão dos resultados podemos concluir que as famílias que fazem parte deste estudo são caracterizadas por um baixo rendimento socioeconómico, sendo maioritariamente famílias numerosas sem expectativas de futuro, sem interesse pela Escola e pelo percurso escolar dos jovens, situação muitas vezes ligadas às próprias baixas habilitações escolares dos progenitores. Estas características são relacionadas com o absentismo escolar no sentido em que as baixas expectativas de vida provenientes de climas de instabilidade económica e de desemprego desmotivam os jovens. A mesma desmotivação também pode ser atribuída à escola, sendo que esta não cria mecanismos realmente eficazes para incluir os alunos na mesma.

No que diz respeito ao retrato de futuro destes jovens, estes são influenciados pelos familiares (tio, irmão ou pai, nos casos estudados) para as escolhas de profissão. Também a maioria dos jovens opta por o ensino recorrente, como os cursos profissionais, para concluírem os seus estudos. Sobre os cursos profissionais observamos que estes jovens optam pelos cursos não só porque têm um cariz prático e profissionalizante mas também porque são considerados “mais fáceis”. Contudo, podemos concluir que sendo esta a opção deles e se sentem motivados para tal, os cursos são uma mais-valia também para o combate ao absentismo escolar no sentido em que motiva os alunos de certa forma para participarem nas aulas, tendo também uma componente prática fora do contexto de sala (estágio curricular) que lhes proporciona uma interação com o mundo do trabalho. Através desta componente prática, os jovens podem sentir-se mais capazes e motivados para alcançarem as suas expectativas de futuro.

Torna-se, desta forma, oportuna a intervenção social, uma vez que estes jovens precisam de formar uma relação de confiança assim como os seus familiares. O trabalho com estes jovens deve ser feito em parceria com as famílias, promovendo a participação dos mesmos no percurso escolar dos filhos. Com os jovens é importante trabalhar as noções de Escola e absentismo escolar levando-os a reflectir sobre o seu futuro para não se ouvirem expressões como as que ouvimos durante o estágio curricular: “nunca tinha pensado nisso”. Para finalizar realço uma frase desenhada na parede da ESSPC que diz que “O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário” de Einstein.

Referências Bibliográficas

Abreu, J. (2011). *Reflexões em torno do conceito de famílias multiproblemáticas: a visão do contexto escolar e dos professores sobre a crescente problematização das famílias e suas implicações*. Universidade do Minho. [Dissertação de Mestrado publicada].

Albarello, L. et al (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa. Gradiva.

Almeida, A. J. (2007). Empregabilidade, contextos de trabalho e funcionamento do mercado de trabalho em Portugal. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 2, pp. 51-58.

Biasoli-Alves, Z. M. (2001). Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. In Z. M. Biasoli-Alves & R. Fischman (Orgs.), *Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância*. São Paulo: EDUSP, pp. 79-93.

Canário, R. (2000). Territórios Educativos de Intervenção Prioritária: A Escola Face à Exclusão Social. *Revista de Educação*, vol. IX, n.º1, pp. 125-134.

Canário, R., Alves, N. & Rolo, C. (2000). *Territórios Educativos de Intervenção Prioritária: Entre a “Igualdade de Oportunidades” e a “Luta Contra a Exclusão”*. Lisboa: IIE.

Ceia, A. (2011). *Um olhar de dentro: o clima de escola na perspectiva dos alunos*. Universidade Aberta de Lisboa. [Dissertação de Mestrado publicada].

Correia, A. R. (2011). *Ensino e Aprendizagem no Contexto de um TEIP: a urgência de educar para e pela sociedade*. Universidade Aberta de Lisboa. [Dissertação de Mestrado publicada]

Encarnación, A. (2009). Absentismo Escolar. *Revista Digital Enfoques Educativos*, N.º 29.

Fortin, M., Côté, J. e Fillion, F. (2009). A amostragem. *In*, Fortin, M., Côté, J. e Fillion, F. *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. . Lusodidacta. Loures, pp. 309-334

Giddens, A. (2004). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gonçalves, A. (2013). *Estilos Parentais e o seu Impacto no Sucesso Escolar dos Alunos: Um estudo numa escola TEIP 2*. Universidade Fernando Pessoa [Dissertação de Mestrado publicada].

Gonçalves, C. (2006). *A família e a construção de projectos vocacionais de adolescentes e jovens*. Universidade do Porto [Dissertação de Mestrado publicada].

González, M. (2005). El absentismo y el abandono: una forma de exclusión escolar. *Revista de Currículum y formación del profesorado*, Vol.1, N.º 1, pp.1-12.

Guerreiro, M. e Abrantes, P. (2007). *Transições Incertas: os jovens perante o trabalho e a família*. Lisboa: CITE.

Marconi, M. A. e Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.

Marconi, M. A. e Lakatos, E. M. (2006). *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas.

Marques, P. (2010). *O aluno na relação escola/família: perspectivas de directores de turma do 3ºciclo de ensino básico*. Universidade Nova de Lisboa. [Dissertação de Mestrado publicada]

Martins, L. (2007). *Um olhar sobre o (in) sucesso escolar na diversidade cultural*. Universidade Aberta. [Dissertação de Mestrado publicada].

Nascimento, I., & Coimbra, J. (2002). As lições da experiência: A relação pais-filhos e a transmissão intergeracional do significado do trabalho e da parentalidade, *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, pp. 95-107.

Pais, J. M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates*. Lisboa: Âmbar.

Pappámikail, L. (s/d). Transições para a vida adulta: Percepções e avaliações do apoio familiar. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção; Atelier: Famílias*, pp.73-79.

Polonia, A. e Dessen, M. (2005) Em busca de uma compreensão das relações entre a família e a escola, *Psicologia Escolar e Educacional*, Vol 9, pp. 303-312.

Saez, L. (2005). La Educación social: intervención socioeducativa en la problemática del absentismo escolar, *Indivisa*, N.º6, pp. 229 - 240.

Sales, C., Quintas, C., Machado, H., & Faísca, L. (2005). *Absentismo escolar em Portugal: Uma avaliação sistémica*. (Relatório não publicado)

Saraceno, C. e Naldini, M. (2003). *Sociologia da Família*. Lisboa: Estampa.

Segalen, M. (1999). *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar.

Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.

Tavares, Z. (2006) *Absentismo Escolar na Escola Secundária Conego Jacinto da Costa*. Praia: ISE.

Vasconcelos, M. (2013). *Abandono e Absentismo Escolar no concelho de Ponta Delgada*. Universidade Fernando Pessoa [Dissertação de Mestrado publicada].

Anexos

Anexo I – Inquérito por questionário dirigido aos EE

Questionário aos Encarregados de Educação

Este questionário faz parte de um trabalho para finalizar a Licenciatura em Serviço Social com o tema de Absentismo Escolar.

Todas as respostas são anónimas, pelo que não necessita de se identificar em nenhuma circunstância. Servirão apenas e somente para tratamento de dados para o estudo acima indicado.

Leia com atenção e responda com um às questões abaixo mencionadas.

1. Identificação

1.1. Idade: _____

1.2. Género: F M

1.3. Habilitações Literárias:

nenhuma 1º ciclo (4º ano): último ano feito _____

2º ciclo (6º ano): último ano feito _____ 3º ciclo (9º ano): último ano feito _____

Secundário: último ano feito _____ Ensino Superior:
grau _____

1.4. Profissão _____

1.5. Situação Profissional:

Desempregado Empregado a tempo inteiro

Empregado a tempo parcial Trabalho informal

2. Participação dos Encarregados de Educação na vida escolar dos seus filhos/educandos

2.1. Conhece as atividades oferecidas pela Escola aos alunos?

Não

Sim.

Quais? _____

2.2. Alguma vez participou nas atividades propostas pela Escola?

Não

Sim.

Quais? _____

2.3. Na sua opinião, quais os motivos que dificultam a participação dos Encarregados de Educação nas atividades e/ou reuniões?

Trabalho Horários marcados A
relação com os professores

Dificuldade de transporte Falta de interesse pelas reuniões e/ou
actividades

Outra.
Qual? _____

2.4. Que tipo de ajuda/apoio acha que o seu filho/a necessita?

Para cumprir os horários semanais (T.P.C.) Nos trabalhos de casa

Mostrar interesse pelo seu dia na Escola

Outra.
Qual? _____

2.7. Quando era aluno/a, alguma vez teve este tipo de ajudas/apoios?

Não

Sim.

Quais? _____

3. A relação com a Escola

3.1. Tem conhecimento quando o seu filho/a falta à escola?

Não.
Porquê? _____

Sim.
Como? _____

3.2. Quando tem conhecimento de que o seu filho falta às aulas como procede?

Ignora Repreende-o Castiga-o

Outro.
Qual? _____

3.3. Como considera o relacionamento entre a Escola e a Família?

Mau Razoável Satisfatório

Bom Muito bom Excelente

3.4. Na sua opinião, como considera a importância da Escola para o futuro do seu filho/a?

Nada importante Pouco importante Importante

Muito importante

Porquê? _____

Obrigado pela sua colaboração!

Anexo II – Declaração de Consentimento Informado

Declaração de Consentimento Informado

Exmo. Encarregado de Educação

De modo a poder efetivar a participação do seu educando no trabalho sobre Absentismo Escolar que a Estagiária de Serviço Social da Associação S.R.C.B.F. Vai Avante, Daniela Monteiro irá implementar, pedimos que preencha o destacável que se encontra abaixo.

Este estudo tem como objetivo compreender as diversas perspetivas de futuro dos alunos, tendo em conta a importância que dão à Escola no sentido de os apoiar nos objetivos futuros. Para a realização deste trabalho serão efetuadas entrevistas aos alunos.

Importa salientar que a participação neste estudo é voluntária, e os dados servirão apenas para fins de investigação. Pelo que será salvaguardado o anonimato e confidencialidade dos participantes.

O investigador responsável

Tomei conhecimento da informação dos objetivos e dos métodos do estudo. Além disso, foi-me assegurado que os registos em suporte papel serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e após a sua conclusão.

Por isso, autorizo a participação do meu educando neste estudo.

Data: ___/_____/_____

Nome do Aluno: _____

Assinatura do Encarregado de Educação: _____

Anexo III – Guião de Entrevista aos DT

Guião de Entrevista aos Directores de Turma

Tema: Absentismo Escolar

Pergunta-base: Como é a participação dos alunos e respectivos EE na Escola e de que modo a ESSPC opera nestes casos?

I parte - Caracterização do participante

Objectivo Geral: Caracterizar a identidade do entrevistado tendo em conta a sua experiência profissional

- 1.1 Quantos anos de serviço?
- 1.2 Quantos anos lecciona na Escola Secundária de SPC?
- 1.3 Qual o grau académico e área de formação?
- 1.4 Disciplinas que lecciona?
- 1.5 Que experiência tem como director de turma?
- 1.6 Idade
- 1.7. Há quanto tempo é diretor das turmas que tem este ano?

II Parte – A relação da família com a escola

Objectivo geral: Identificar a relação que os Encarregados de Educação têm com a escola, tendo em conta a sua participação e a relação com os diferentes intervenientes

- 2.1 Qual a relação que têm com os professores em geral?
- 2.2 Qual a relação que têm com os directores de turma?
- 2.3 Qual a participação na vida escolar do filho??
- 2.4 Existem estratégias para o envolvimento dos EE no seio escolar?
- 2.5 Qual a frequência com que os EE dos alunos absentistas vêm às reuniões?
- 2.6. A existência das faltas é abordada nas reuniões com os EE?

III Parte- O aluno na escola

Objectivo geral: caracterizar os alunos bem como compreender os motivos apontados para o absentismo escolar

- 3.1 Como caracteriza os alunos absentistas em particular?
- 3.2 Como caracteriza a turma em que os alunos absentistas estão inseridos?
- 3.3 Como é a relação da turma em geral com os professores e director de turma?
- 3.4 Como é a relação dos alunos absentistas com os professores e director de turma?
- 3.5 Como é a relação dos alunos absentistas com os restantes alunos da turma?

- 3.6 Qual o desempenho escolar dos alunos absentistas?
- 3.7 Quais as justificações que apresentam para as faltas?
- 3.8 Se os alunos já omitiram/retardam/facilitam a informação das faltas aos pais?
- 3.9 Os alunos absentistas quando faltam, faltam sozinhos ou acompanhados?
- 3.10 Como e quando sabem que o aluno falta?
- 3.11 Se já conhecia a turma/ os alunos como professor? Se sim desde quando?

IV Parte – O absentismo escolar

Objectivo gera: caracterizar o absentismo escolar na ESSPC e possíveis estratégias de prevenção e intervenção

- 4.1 Que razões aponta para o absentismo?
- 4.2 Qual é o procedimento quando se apercebem do absentismo?
- 4.3 Que estratégias utilizam para o combate ao absentismo?
- 4.4 Se considera que a Escola tem um papel importante para a diminuição do absentismo?
- 4.5 Se existe prevenção e como é feita?
- 4.6 Como considera que deve ser o procedimento dos professores para com os alunos absentistas?
- 4.7 O que considera que deve ser feito para reduzir o absentismo?
- 4.8 Entende que os alunos devem ser motivados por parte da Escola para assistirem às aulas?
- 4.9 Considera que o insucesso escolar está relacionado com o absentismo?

Anexo IV – Guião de Entrevista aos alunos

Guião de Entrevista para os alunos

I Parte – Caracterização do participante: Constituição do agregado familiar

II Parte – Relação com a Escola

- Opinião sobre a Escola em geral
- Opinião sobre a Escola Secundária de SPC
- Relação com os colegas
- Relação com os professores
- Motivos para o desinteresse na Escola
- Participação nas actividades extra curriculares
- Autorização para sair da Escola quando quiser

III Parte – Caracterização do percurso escolar do aluno

- Escolas que frequentou
- Reprovações
- Disciplinas que mais gosta e porquê
- Disciplinas que menos gosta e porquê
- Dificuldades de aprendizagem
- Faltas disciplinares
- Escolha do curso
- Quando começou a faltar mais e porquê
- Motivo/s para faltar às aulas
- O que faz quando falta
- Para onde vai quando falta
- Com quem falta
- Iniciativa para faltar

IV – O aluno e a família

- O que disseram/fizeram os pais quando sabem das faltas
- Relação com os pais
- Apoio familiar para a realização dos trabalhos de casa
- Ajuda nos trabalhos domésticos ou a trabalhar para fora

V – O aluno e o futuro

- Importância da escola para o futuro pessoal e profissional
- Se pensa abandonar os estudos e porquê
- Perspectivas pessoais e profissionais para o futuro
- A opinião dos pais como influência as suas escolhas
- Conhecimento sobre propostas de emprego/cursos

Anexo V – Ficha Individual de aluno

Ficha de aluno

Código:

Nome:

Data de nascimento:

Turma:

Morada:

Contactos:

Escalão Escolar:

Reprovações (nº e ano):

Faltas justificadas:

Faltas injustificadas:

Faltas disciplinares (nº e disciplina):

Disciplinas com mais faltas:

Em que horário é que faltam mais:

Contacto do DT com a família:

Acompanhamento diferenciado:

Agregado Familiar

| Parentesco | Nome | Idade | Hab. Literárias |
|------------|------|-------|-----------------|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

Anexo VI – Análise de Conteúdo das entrevistas aos DT

| Família | | |
|--|-------------------|---|
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Não vêm às reuniões | 8 | |
| Falta de actuação firme | 5 | |
| Não se mostram preocupados | 4 | |
| Não conhecem os pais | 3 | |
| Atribuem o problema das faltas à Escola | 2 | |
| Desestruturadas | 2 | |
| Desligam telefone na cara | 2 | |
| Não assinam documentos | 2 | |
| Não conseguem dar resposta aos problemas | 2 | |
| Pouca receptividade | 2 | |
| Não conseguem contactar com | 1 | |
| Não têm receio da sinalização à CPCJ | 1 | |
| | 2 | Receio da sinalização à CPCJ |
| | 3 | Vêm no horário de atendimento/quando solicitado |
| | 6 | Preocupação com as faltas de assiduidade |
| Turma (Apreciação da DT) | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Mau comportamento | 5 | |
| Não gostam da professora de Matemática | 5 | |
| Falta de educação | 4 | |
| Muitas faltas disciplinares | 4 | |
| Falta de motivação | 3 | |
| Falta de responsabilidade | 3 | |
| Falta de aproveitamento | 2 | |
| Habitados a ter negativas | 2 | |
| Infantis | 2 | |
| Poder de grupo | 2 | |
| Não têm relação próxima com o professor | 1 | |
| | 3 | Relação boa com o DT |
| Alunos em situação de absentismo (Apreciação da DT) | | |
| Características individuais/comportamentais | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Desinteressados | 10 | |
| Conflituosos | 6 | |
| Problemas de assiduidade | 6 | |
| Desmotivados | 4 | |
| Esperam os 18 anos para sair da Escola | 3 | |
| Falta de responsabilidade | 3 | |
| Mentir aos pais sobre o horário | 2 | |
| Acham que não precisam de estudar | 1 | |
| Falsificar assinatura da mãe para justificar falta | 1 | |
| Não vão às aulas da DT | 1 | |
| | 1 | Imensas capacidades |

| Características socio-ambientais | | |
|---|-------------------|--|
| Negativo | Frequência | Positivo |
| São repetentes | 8 | |
| Não têm expectativas de Futuro | 5 | |
| Muitas faltas disciplinares | 3 | |
| Vivem num meio pobre | 3 | |
| | 2 | Têm faltado menos |
| | 2 | Começar bem o ano |
| | 2 | Consciência de que o Tribunal pode atuar |
| FALTAS | | |
| Motivo | Frequência | |
| Doença | 4 | |
| Não apresentam justificações | 4 | |
| Adormecer | 3 | |
| Conhecimento das faltas | Frequência | |
| Sistema Informático | 4 | |
| Conversa entre professores | 2 | |
| REUNIÕES | | |
| Temas abordados | Frequência | |
| Faltas de Assiduidade | 4 | |
| Faltas disciplinares | 4 | |
| Comportamento | 3 | |
| COMBATE ao ABSENTISMO - ESTRATÉGIAS UTILIZADAS | | |
| Pelos Professores | Frequência | |
| Falar com os alunos | 3 | |
| Promoção de atividades | 1 | |
| Ver filmes | 1 | |
| Visitas de estudo | 1 | |
| Pela Escola | Frequência | |
| Criação do GAAF | 4 | |
| Criação do Desporto Escolar | 2 | |
| Ligar aos pais na hora do jantar | 1 | |

Anexo VII – Análise de Conteúdo das entrevistas aos alunos

| ESCOLA | | |
|---|-------------------|--|
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Não gostar | 11 | |
| Não é igual às outras | 1 | |
| Não gostar do curso | 2 | |
| Não gostar dos professores | 7 | |
| Não gostar das pessoas | 2 | |
| Aulas são uma seca | 5 | |
| | 1 | Ajudam muito |
| | 1 | Intervalos |
| | 6 | Importante para o futuro |
| Mudar de Escola | 5 | |
| PROFESSORES | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Não gostam de alguns | 7 | |
| São resmungões | 2 | |
| Não gostam da professora de Matemática | 7 | |
| | 1 | Não são maus |
| DISCIPLINAS | | |
| Gostam menos | Frequência | Gostam mais |
| Matemática | 4 | |
| Português | 2 | |
| Francês | 1 1 | Francês |
| Inglês | 2 | |
| Educação Física | 1 4 | Educação Física |
| | 3 | Físico-química |
| FAMÍLIA - geral | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| | 6 | Ajudar a mãe |
| Estão sempre a reclamar das faltas | 4 | |
| | 2 | Relação boa |
| | 6 | Seguir o exemplo de familiares para a escolha de profissão |
| FAMÍLIA - particular | | |
| Mãe | 33 | |
| Pai | 16 | |
| Irmão | 10 | |
| Tio | 6 | |
| FAMÍLIA – particular/relacionamento – MÃE | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Mentir à mãe | 3 | |
| | 10 | Ajudar a mãe |
| Pedir autorização para sair da Escola quando quiser | 2 | |
| | 3 | Relação boa |
| | 1 | Respeitar a mãe |
| | 5 | Conhecimento das faltas |
| | 2 | Dizer para ir às aulas |
| | 1 | Trabalhar |
| | 1 | Medo que as AS a retirem da mãe |
| | 2 | Ir à Escola falar com DT |
| Não diz nada sobre as faltas | 1 | |
| | 2 | Fazer penteados à mãe |
| FAMÍLIA – particular/relacionamento - PAI | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| Esteve preso | 1 | |
| | 2 | Cozinha bem |
| Não está em casa | 4 | |
| | 1 | Ser pai |
| | 3 | Aprender com |

Absentismo Escolar: a escola, a família e o futuro

| | | |
|--|-------------------|-------------------------------|
| Sempre a reclamar | 4 | |
| | 1 | Passar a ferro a roupa do pai |
| FAMÍLIA – particular/relacionamento – IRMÃO | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| | 3 | Falar com |
| | 4 | Seguir exemplo |
| Dividir quarto com | 1 | |
| | 2 | Ir para a Escola de |
| FAMÍLIA – particular/relacionamento – TIO | | |
| Negativo | Frequência | Positivo |
| | 3 | Seguir exemplo de profissão |
| | 2 | Ter um negócio |
| | 1 | Dar aulas |
| FALTAS | | |
| Motivo | Frequência | |
| P/Não gostar das aulas | 7 | |
| P/Não gostar da Escola | \\5 | |
| P/Desinteresse pela matéria | 7 | |
| Chegar atrasado | 7 | |
| Aulas são uma seca | 7 | |
| P/Receio da Falta disciplinar | 4 | |
| Contexto | | |
| Faltar acompanhado | 5 | |
| Faltar sozinho | 2 | |
| Atividades | | |
| Ficar em casa | 4 | |
| Ficar na Escola | 3 | |
| Jogar | 4 | |
| Ver televisão | 4 | |
| Namorar | 2 | |
| FUTURO | | |
| Profissão | Frequência | |
| Cabeleireira | 3 | |
| Bombeiro | 1 | |
| Cozinheiro | 3 | |
| Expetativas | | |
| Seguir o exemplo de familiares para a escolha de profissão | 6 | |
| Conseguir Trabalho | 5 | |
| Frequentar um Curso Profissional | 7 | |
| Estudar até ao 12ºano | 2 | |
| Ir para a Faculdade | 1 | |